



**RELAÇÕES ENTRE OS SCRIPTS DE APEGO INDIVIDUAIS E
COMPARTILHADOS EM CASAIS COM UM FILHO COM AUTISMO**

Márcia Rejane Semensato

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre/RS, 2009

**RELAÇÕES ENTRE OS SCRIPTS DE APEGO INDIVIDUAIS E
COMPARTILHADOS EM CASAIS COM UM FILHO COM AUTISMO**

Márcia Rejane Semensato

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia
sob a orientação da
Profa. Dra. Cleonice Alves Bosa

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre, março de 2009**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por todo o carinho e apoio em minha formação, em especial à minha sobrinha Gabriela Semensato, parceira de muitos momentos.

À minha orientadora Cleonice Alves Bosa com minha carinhosa admiração, pelo incentivo e confiança que vem depositando em mim.

Ao CNPq pelo incentivo à pesquisa no país e pelo financiamento desse estudo.

Aos meus colegas de caminhada no mestrado pelo convívio e estímulo, em especial à Cassiane Echevengua, à Claudia Sanini e à Isabela Machado da Silva, que estiveram sempre próximas.

Aos todos meus professores do PPG em Psicologia, que me auxiliam tanto nesse início de caminhada.

A todo grupo do NIEPED, pela parceria e apoio, em especial ao Carlo Schmidt pela amizade e pelo estímulo desde a época da especialização.

Aos professores, Cesar Piccinini, Denise Falcke e Vera Ramires, por aceitarem participar de minha banca e contribuir com seus conhecimentos e sugestões.

À professora Manuela Veríssimo, por toda sua disposição e auxílio, uma participação muito especial nesse estudo.

À Michele Becker, pelo auxílio inestimável com os participantes do estudo.

Aos colegas e amigos do ITI e do GAEPSI.

À Ana Celina Alborno, à Gisleine Lourenço, à Giovanna Miron, ao Michael Wade e ao Ricardo Heberle, pessoas que ao longo do tempo conquistaram um espaço muito importante em minha vida.

E um agradecimento muito especial a todos os casais que participaram desse estudo. Sua sabedoria nos ensina muito...

SUMÁRIO

	Página
Resumo	07
Abstract	08
CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO	9
1.1. Autismo	9
1.2. A integração das teorias do apego e sistêmica: uma tendência contemporânea	10
1.3. O apego no relacionamento de casais	12
1.3.1. O apego individual	12
1.3.2. <i>Script</i> de apego compartilhado em casais	19
1.4. Uma base segura em casais com um filho com autismo.....	28
1.5. Justificativa, objetivos e expectativas do estudo	30
CAPÍTULO II	
MÉTODO	32
2.1. Delineamento	32
2.2. Participantes	32
2.3. Materiais e Instrumentos	32
2.4. Procedimentos e Análise dos dados	34
2.5. Considerações éticas	35
CAPÍTULO III	
RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
3.1. Casal 01.....	37

3.2. Casal 02.....	47
3.3. Casal 03.....	53

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO GERAL	63
4.1. Considerações finais	67

REFERÊNCIAS.....	69
------------------	----

ANEXOS	79
--------------	----

Anexo A . Termo de consentimento livre e esclarecido	79
Anexo B. Ficha sobre Dados Demográficos e História Familiar	81
Anexo C. Attachment Script Assessment	82
Anexo D. Roteiro para Entrevista sobre Indicativos de <i>Script</i> de Apego Compartilhado	84
Anexo E. Roteiro para Entrevista sobre Indicativos de <i>Script</i> de Apego Compartilhado	85

LISTA DE TABELAS¹

Tabela 1. Escores e média do acesso ao *script* de apego seguro: casal 01

Tabela 2. Escores e média do acesso ao *script* de apego seguro: casal 02

Tabela 3. Escores e média do acesso ao *script* de apego seguro: casal 03

¹ Resultados omitidos a fim de preservar confidencialidade dos participantes

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AAI – Adult Attachment Interview	17
CAJI – The Couple Joint Interview	22
NIEPED – Núcleo Integrado de Estudos e Pesquisa em Transtornos do Desenvolvimento	32
AVDs – Atividades de Vida Diária	40

RESUMO

Esse estudo investigou as relações entre o apego individual e o apego compartilhado em três casais cujo filho apresenta autismo. O *script* de apego individual foi avaliado através do Attachment *Script* Assessment e o apego de casais através de uma entrevista semi-estruturada. A análise dos instrumentos foi realizada de forma independente. Os principais resultados mostraram que em casais com um ou ambos com acesso ao *script* de apego seguro, a relação como parceiros parentais estava mais preservada. A relação conjugal, no entanto, estava afetada na vida de todos os casais. A diferença foi que em casais com *script* de apego mais seguro, apesar dos conflitos na vida conjugal, havia expectativas e perspectivas com o casal trabalhando para atingir essa meta. Os casais com um ou ambos com acesso ao *script* de apego seguro individual também foram os que apresentaram um maior número de indicadores de apego compartilhado em sua relação.

Palavras-chave: apego; relação conjugal; autismo

ABSTRACT

Relations between the individual and joint attachment scripts in couples with a child with autism

This study has investigated the relations between the individual attachment and the joint attachment in couples whose child presents autism. The individual attachment script was assessed through the *Attachment Script* Assessment and the couple's attachment through a semi-structured interview. The analysis of the instruments was done independently. The main results showed that in couples in which one or both have access to the secure attachment script, the relation as parental partners was more preserved. The marital relation, however, was affected in the lives of all the couples. The difference was that in couples with a more secure attachment script, despite the conflicts of the marital life, there would be efforts to achieve the expectations and perspectives. The couples in which one or both had the access to the individual secure attachment script were also the ones who presented a more significant number of joint attachment indicators in their relation.

Keywords: Attachment; marital relationship, autism

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Autismo

O autismo é definido como uma síndrome comportamental de etiologias múltiplas (Klin, 2006). No DSM IV-TR (2002), o Transtorno Autista, figura entre os Transtornos Globais do Desenvolvimento, tendo como critérios diagnósticos a presença de comprometimento nas interações sociais recíprocas e nas modalidades de comunicação, bem como interesses e atividades restritas, estereotipadas e repetitivas manifestados até os trinta e seis meses de idade. Estudos também vêm encontrando uma associação frequente com problemas de comportamento (DSM IV-TR, 2002; Gadia, Tuchman & Rotta, 2004), o que tende a intensificar os desafios familiares na educação e cuidados com o filho.

O autismo é um transtorno cuja seriedade e cronicidade das dificuldades torna-o potencialmente estressor (Bosa, 2002; Hastings, 2002; Konstantareas & Homatidis, 1989; Oppenheim, Dolev, Koren-Karie, Sher-Censor & Salomon, 2007; Schmidt, 2004; Schmidt & Bosa, 2007; Seligman & Darling, 2007). Em termos gerais, de acordo com Seligman e Darling (2007), a existência de deficiência em um filho tem um grande impacto no casamento. Neste impacto, a tendência é a amplificação dos sentimentos e experiências que ocorrem em um casal que não vive essa situação, seja a separação, a aproximação, a raiva, etc. Para esses autores, ser pais de uma criança com deficiência significa necessitar desenvolver ainda mais habilidades parentais do que pais que não vivem nessa situação.

Esses casais convivem com a existência de uma síndrome que não tem cura, o que demanda também muita tolerância à frustração. A questão sobre os sentimentos parentais sobre ter um filho(a) com autismo torna-se mais complexa porque as pesquisas referentes à etiologia do autismo ainda não possuem respostas definitivas aos dados. Para Oppenheim et al., (2007) isso deixa espaço para uma ampla margem de tentativas dos pais para querer descobrir as possíveis causas para a condição do filho, podendo haver tendência a se culparem, bem como distorções dos eventos e de informações sobre o diagnóstico do filho. Seligman e Darling (2007) também sugerem que a ambiguidade do diagnóstico, severidade, problemas de comportamento e a duração da condição sejam fatores de risco para essas famílias. Uma das consequências desse diagnóstico para o sistema familiar é o risco de enfraquecimento dos laços afetivos conjugais.

De fato, pelos comprometimentos existentes nessas crianças, entende-se o porquê da presença do autismo ser considerada um estressor, que torna o subsistema conjugal vulnerável (Dunn, Burbine, Bowes & Tantleff-Dunn, 2001; Siegel, 1996; Sifuentes, 2007;

Sprovieri & Assumpção Jr., 2001), aumentando o risco de insatisfação na relação. Numa investigação sobre familiares de crianças com autismo (Sifuentes, 2007), a insatisfação conjugal dos casais foi relacionada à falta de tempo para o casal e de romantismo na relação. De forma similar a outros estudos que enfocaram as relações familiares sem a presença de autismo (Féres-Carneiro, 1998; Goldenberg, 1991), a relação de companheirismo e o respeito à individualidade foram indicadores da satisfação conjugal (Sifuentes, 2007). No caso do autismo, no entanto, os desafios para o casal são grandes, pois como descreve Siegel (1996), é possível para os cônjuges perder um ao outro, e para cada um deles, de começar a perder sua identidade, a qual tende a se mesclar à da criança.

O nível de suporte conjugal, portanto, tem sido considerado um aspecto relevante nos estudos sobre estresse e família de crianças autistas (Konstantareas & Homatidis, 1989), pois a necessidade de apoio bem como a sensação da falta deste mostra-se frequente nessas famílias. Estes estudos, no entanto, não vem enfocando especificamente os aspectos individuais e interpessoais que facilitam e/ou dificultam que esse apoio seja percebido, recebido e buscado e também os fatores que facilitam a reciprocidade na relação dos parceiros quando têm um filho com autismo. A capacidade de confiar e de apoiar e sentir-se apoiado pelo outro vem sendo explicada, por exemplo, pela teoria do apego, através das relações que o indivíduo estabelece com sua família desde a infância. Durante o ciclo vital individual e familiar, na necessidade constante de apoio ao lidar com eventos estressores, é provável que ocorra uma reativação do apego. Diversos estudos vêm mostrando que os eventos estressores são momentos propícios a isso (Bowlby, 1907/1997; Byng-Hall, 1995; Crowell e Treboux, 2001; Fisher & Crandell, 2001; Marris, 1991/2005; Pietromonaco, Barret & Powes, 2006; Weiss, 1995).

O impacto do autismo na família, portanto, parece estar relacionado à gravidade dessa síndrome, mas também ao quanto os membros da família, principalmente o casal, sintam-se desamparados e confusos frente a essa condição e ao apoio existente entre eles. Isto significa que o padrão de apego existente nos membros do casal e em sua relação pode ser fundamental na extensão e qualidade do impacto causado pelo autismo nos membros do casal e no sistema familiar.

1.2. A integração das teorias do apego e sistêmica: uma tendência contemporânea

As teorias do apego e sistêmica têm muito em comum, pois consideram a família como foco primário para entender o desenvolvimento humano e buscam explicar a relação entre o familiar e o individual (Minuchin, 1985). Além disso, ambas assinalam a qualidade

do relacionamento conjugal como um elemento chave para o funcionamento geral familiar (Rothbaum, Rosen, Ujiie & Uchida, 2002).

Apesar da teoria do apego ser estudada há um considerável tempo, a implicação dessa teoria para os sistemas familiares vem sendo recentemente sujeita a uma análise mais intensiva. De acordo com Byng-Hall (1995), em 1984 Lyman Wynne sugeriu que o comportamento de apego do bebê era o primeiro passo no processo de desenvolvimento epigenético dentro das famílias. Minuchin (1985; 2002) também ressalta a importância do apego na teoria dos sistemas familiares por explorar relacionamentos bidirecionais nos quais cada participante provê o contexto para o comportamento do outro. De fato, recentemente essas duas teorias vêm sendo usadas de maneira integrada por diversos autores que enfocam o apego dentro da família (Byng-Hall, 1995; 2002; Belsky, 2005; Cowan & Cowan, 2001; Guttman, 2002; Kozłowska & Hanney, 2002; Liddle & Schwartz, 2002; Mikulincer, Florian, Cowan & Cowan, 2002; Minuchin, 1985, Minuchin, 2002; Rothbaum, et al. 2002). Isso sugere que a teoria do apego pode ser uma abordagem importante tanto no estudo do indivíduo, quanto dos subsistemas e do sistema familiar e da relação entre estes.

Uma das abordagens que busca uma integração entre a teoria do apego e a teoria dos sistemas familiares é a perspectiva de rede (Kozłowska & Hanney, 2002), na qual os dados sobre as relações díadicas na teoria do apego são importantes conceitualmente e na prática clínica da terapia familiar (Kozłowska & Hanney, 2002). Esse modelo considera as relações díadicas, triádicas e familiares como sistemas estruturais com diferentes níveis de complexidade (leis e propriedades), cada um funcionando como uma parte e como um todo. Nessa perspectiva, a integração das duas abordagens requer a habilidade de reconhecer cada nível de complexidade (ex. díade vs. família), isto é, considerar as propriedades únicas de cada nível e a relação entre elas.

Dificuldades conceituais na integração das duas teorias sugerem dúvidas sobre a adequação do seu uso de forma unificada ou se é importante mantê-las como distintas. Os problemas conceituais citados por Kozłowska e Hanney (2002) referem-se principalmente a inconsistências na teoria do apego e na caracterização da relação entre as duas abordagens. A primeira dificuldade refere-se ao uso de diferentes termos para classificar os padrões de apego existentes, a diferenças no que os autores consideram o padrão seguro ou inseguro do apego e à aplicação de termos semelhantes para constructos diferentes (ex. apego positivo ou negativo, seguro ou inseguro, preocupado, evitativo). Em segundo lugar, as diferenças na descrição das relações entre as duas abordagens referem-se à aplicação dos conceitos de “modelo funcional do eu” e de “representações mentais” à família e

também ao conceito do que é a base segura de uma família, tendo em vista que nas diferentes relações diádicas em uma família pode haver diferentes relações de apego.

Para Byng-Hall (1988), o uso da teoria dos sistemas fornece uma ponte entre o entendimento do intrapsíquico, do interpessoal e do intergeracional. Para tal, ele utiliza o conceito de *scripts* de apego, como as representações mentais dos relacionamentos desenvolvidos desde a infância, as quais são essenciais na construção de uma base segura da família na vida adulta. De acordo com sua definição (1995, 2002), a base segura familiar é a que provê uma rede confiável de relacionamentos de apego, a qual habilita seus membros a sentirem-se suficientemente seguros para explorar relacionamentos entre eles e com outras pessoas.

Percebe-se portanto que, apesar do uso conjunto dessas teorias ser promissor e vantajoso para explorar as díades e tríades dentro de um contexto familiar, ele ainda é cercado de dificuldades conceituais e de integração, necessitando ampliação nos estudos.

1.3. O apego no relacionamento de casais

1.3.1 O apego individual

O apego nas relações tem sido associado aos primeiros cuidadores da infância, pois a primeira rede de apoio que uma pessoa possui é a família (Hansen & Jacob, 1992). Os seres humanos são mais capazes de se desenvolverem quando estão seguros de que alguém virá ao seu auxílio em caso de dificuldades (Bowlby, 1982/1997, 1969/1997). A pessoa em quem se confia é a figura de apego, isto é, aquela que fornece uma base segura a partir da qual se poderá atuar. Nos adultos essa necessidade pode ser menos evidente, mas continua presente. Pode relacionar-se ao gênero, às fases da vida e às experiências que teve com figuras de apego nos primeiros anos de vida. Tende a aparecer quando a pessoa está consternada, doente ou assustada (Bowlby, 1982/1997). Nesse sentido, o propósito das pesquisas sobre apego é fornecer modelos e dados para a compreensão deste processo no qual a coerência emocional e a confiança no suporte dos outros auxiliam um indivíduo em circunstâncias de vida adversas (Grossmann & Grossmann, 1991/2005).

A experiência de apego na infância também influencia posteriormente a resiliência (processo que explica a “superação” das adversidades – Yunes & Szymanski, 2001 ou facilidade de se adaptar a situações que se modificam – Bowlby, 1969/1997), pela formação de um senso de segurança e confiança (Bowlby, 1969/1997; 1982/1997; Marris, 1991/2005). Na teoria de Bowlby (1982/1997), a capacidade para confiar nos outros e em si mesmo é fruto de uma família que oferece sólido apoio à sua prole, ou seja, uma base

segura familiar. Em virtude disso, utilizou os conceitos de ligação, confiança, segurança e autoconfiança. Para o autor, uma confiança bem fundamentada pode ser definida como o produto do desenvolvimento durante o qual, através da interação com outros incentivadores e confiáveis, a pessoa aprende a combinar a confiança nos demais à confiança em si. Já a segurança refere-se tanto à representação de uma relação de apego que persista, quanto à sensação de segurança, a qual pode flutuar, dependendo do momento da vida da pessoa (Byng-Hall, 1995).

Um pressuposto fundamental sobre a teoria do apego é a construção de um modelo de relacionamentos a partir das primeiras experiências de apego. Esse modelo será carregado e reencenado nos relacionamentos subsequentes (Fisher & Crandell, 2001). Nesse processo conceituado por Bowlby (1973/1998) como “modelo funcional do eu”, propõe-se que as experiências iniciais de apego transformam-se em representações internas do indivíduo a respeito do mundo (Grossmann & Grossmann, 1991/2005; Main, 1991/2005). Essas representações internalizadas generalizam-se na capacidade de ter expectativas e confiar (em si e nos demais) e na autonomia (Byng-Hall, 1995; Grossmann & Grossmann, 1991/2005; Grossmann, Grossmann & Kindler, 2005; Sherry, Lydon & Henson, 2007). No modelo funcional do eu sobre o mundo que alguém constrói, uma ideia chave é sua noção de quem são suas figuras de apego, onde podem ser achadas e como é esperado que respondam (Bowlby, 1969/1997).

Posteriormente, Bowlby acrescentou que até aproximadamente os três anos de idade, a ausência ou presença física da figura de apego é essencial para sua acessibilidade. Após essa idade essa necessidade pode ser gradualmente substituída à previsão de sua disponibilidade ou acessibilidade, o que se consolida definitivamente na puberdade (Bowlby, 1973/1998).

A construção desse modelo interno deve conter múltiplas representações. De acordo com Main (1991/2005), essas representações referem-se às experiências diretas com as figuras de apego e também ao autoconceito, que é derivado dessa experiência. Na teoria do apego, entende-se que o modelo funcional do eu é armazenado na memória de longo prazo: ou na memória semântica, a qual guarda crenças sobre aspectos da vida familiar, ou na memória episódica, onde a memória dos eventos é armazenada (Byng-Hall, 1995). Atualmente alguns pesquisadores da teoria do apego tem usado os termos representações mentais (Crowell & Treboux, 2001; Waters & Waters, 2005 in Gomes, 2007) ou *scripts* (Byng-Hall, 1985; 1995; Waters & Waters, 2006), ao invés de modelo funcional do eu.

O apego exerce dois tipos de influência na personalidade (Bowlby, 1982/1997): a primeira refere-se às influências externas ou ambientais, ou seja, à presença ou ausência de uma figura de confiança que forneça uma base segura, enquanto a segunda diz respeito à capacidade de reconhecer quando alguém é digno de confiança e está disposto a oferecer esta base e de colaborar com essa pessoa para que seja iniciada e mantida uma relação mutuamente gratificante quando houver esse reconhecimento. Para o autor, as crianças, após atingirem certo nível de *insight* psicológico sobre os sentimentos e os motivos para as ações de suas figuras de apego, se tornam hábeis para desenvolver modelos operacionais compartilhados de relacionamentos de apego. A partir desse momento há um dar e receber mútuo e uma maior facilidade para negociação recíproca dos conflitos (Bretherton, 2005; Crowell & Treboux, 2001). A fase final da transformação do sistema de apego da infância seria eleição de uma figura de apego adulta, como na escolha do parceiro (Weiss, 1991/2005).

O comportamento de apego nos adultos, portanto, é diferenciado pela reciprocidade. Os parceiros adultos não são designados ao papel de cuidador - base segura. ou de usuário de base segura (Crowell & Treboux, 2001). Ora a pessoa pode estar fornecendo uma base segura a partir da qual seu companheiro ou companheiros podem atuar, ora sente satisfação em confiar em um ou outro de seus companheiros, que lhe proporciona essa base (Bowlby, 1907/1997). Para Bowlby, é o tipo de experiência que uma pessoa tem, que influencia na expectativa quanto a mais tarde ter uma base pessoal segura e sobre o grau de competência que possui para iniciar e manter relações mutuamente gratificantes, quando a oportunidade se oferece (Bowlby, 1982/1997, 1969/1997). Isso marca um ponto fundamental de sua teoria sobre o desenvolvimento do apego, pois entende que existe uma relação causal entre as experiências de uma pessoa com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos, como por exemplo, os conjugais e os parentais.

Atualmente, uma visão moderada propõe que a continuidade entre os padrões dos relacionamentos iniciais e os posteriores podem ser explicadas pela abstração que as crianças fazem de um modelo de como as relações acontecem. Essa é a base para a ação em situações relacionadas ao apego e, em princípio, permanece aberta à revisão a partir de experiências subsequentes que sejam significativas e relacionadas ao apego (Crowell & Treboux, 2001). Existem dúvidas se as relações entre o estilo de apego e compromisso, continuidade e durabilidade nos relacionamentos são causais ou se são principalmente recíprocas (Morgan & Shaver, 1999).

As discussões sobre a continuidade ou descontinuidade dos padrões de apego e o seu poder preditivo sobre o funcionamento psicológico subsequente e sobre a qualidade das relações interpessoais futuras, têm sido controversas. Roisman, et al. (2007), encontraram que as medidas de segurança de apego na infância, obtidas através do auto-relato de cinquenta casais, predisseram a qualidade de suas relações interpessoais atuais. Para Marris (1991/2005) a ideia de algum tipo de continuidade da experiência do apego é reforçada pela observação de que as qualidades das boas relações sociais e das boas experiências de apego são essencialmente as mesmas: disponibilidade, responsividade em relação aos sinais do outro e reciprocidade. Isso explica porque o padrão de apego seguro se relaciona à proximidade nos relacionamentos e ao envolvimento afetivo de um casal (Morgan & Shaver, 1999).

Para que possa haver continuidade do padrão de apego, na opinião de Sherry, et al. (2007), as experiências com essas figuras de apego devem ser consistentes em termos de tempo e intensidade. A consistência nas relações posteriores permanece importante, pois os adultos também requerem interações repetitivas do tipo segura para um relacionamento romântico ser utilizado como base segura nos momentos de necessidade (Crowell & Treboux, 2001), como por exemplo, no estresse elevado.

Bowlby (1969/1997) também entendia que mudanças nos padrões de apego poderiam ocorrer posteriormente à infância através da influência de novos relacionamentos emocionais e do desenvolvimento de pensamentos formais operacionais. Essa combinação de eventos permitiria ao indivíduo refletir sobre e reinterpretar o sentido das experiências passadas e presentes (Crowell & Treboux, 2001). De acordo com Waters e Waters (2006) isso é possível porque as experiências iniciais de base segura deixam somente traços sensório-motores, enquanto o verdadeiro modelo funcional do eu requer representações mentais formais.

Diversos estudos sugerem possibilidades de mudanças nos padrões de apego durante o ciclo vital (Waters, Weinfeld & Hamilton, 2000a; Waters, Hamilton & Weinfeld, 2000b; Weinfeld, Sroufe & Efeland, 2000). A descontinuidade do padrão de apego seguro vem sendo associada à presença de eventos de vida “negativos” como, por exemplo, maus tratos infantis, depressão materna, conflitos no funcionamento familiar na adolescência (Weinfeld et al., 2000) e mudanças no ambiente familiar (Waters et al., 2000a). Outros fatores de risco para a mudança na estabilidade do apego seguro são os efeitos negativos da ameaça ou perda dos pais, seja por divórcio ou doença e distúrbio psíquico dos mesmos (Waters, Merrick, Treboux, Crowell & Albersheim, 2000). As representações de apego, portanto, podem ser vulneráveis a situações de vida difíceis e

caóticas, especialmente nos primeiros anos de vida. A tendência é que quanto mais o ambiente propiciar eventos perturbadores e inesperados, menos apoio o indivíduo terá e mais abalada será sua confiança no apego.

Em uma investigação com casais sobre a continuidade dos padrões de apego, os resultados encontrados por Crowell e Treboux (2001), sugerem que as representações de apego ligadas à relação atual mostram-se menos estáveis que as baseadas na experiência da infância. Para Byng-Hall (1991/2005), os padrões de apego podem diferir de relação para relação, mas eles tendem a ser estáveis ao longo do tempo nas relações. Portanto esse autor propõe que a estabilidade pode ser vista como o padrão de apego de uma relação específica. O “Modelo maturacional dinâmico” de Crittenden explica a diferença das estratégias de apego nas diferentes relações como adaptações para um relacionamento específico (Kozłowska & Hanney, 2007).

Semelhante perspectiva é defendida por Waters, et al. (2000) ao sugerir que mesmo que possa haver estabilidade na segurança do apego durante um período significativo da vida, também podem ocorrer mudanças devido às experiências. Uma das experiências que pode levar à mudança no padrão de apego são os relacionamentos interpessoais na vida adulta (Cassidy, 2000). Numa perspectiva de integração da teoria sistêmica e do apego, essas ideias são coerentes com a visão de Byng-Hall (1985, 1995, 1991/2005) e de Orbach (2007), sob a formação de novas representações de apego no relacionamento de um casal, mesmo que mantenham as bases em relações de apego do passado.

Como visto anteriormente, diversos autores têm sido cautelosos quanto a estabelecer relações causais entre o apego infantil e o adulto. De fato, atualmente há estudos com casais, os quais enfocam o lugar do apego durante todo processo de desenvolvimento (Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, 2005). Isto porque entendem que a capacidade para um relacionamento romântico é uma construção ao longo das diferentes idades e fases, as quais culminam em relações recíprocas íntimas. Disso emerge uma figura multifacetada e dinâmica ao invés de linear, do estudo de quando, como e em quais aspectos do funcionamento social o apego exerce seu impacto (Sroufe, et al., 2005).

A sua hipótese de que os relacionamentos de apego iniciais trabalham em conjunto com outras experiências na família e com os pares foi corroborada através de dados obtidos no estudo longitudinal de Minnesota. Nesse estudo, 82 casais entre 20 e 26 anos foram entrevistados e preencheram escalas que investigavam sua percepção sobre seu atual relacionamento romântico. Além disso, foram observados enquanto realizavam uma discussão com o parceiro sobre uma questão crítica em seu relacionamento. Os resultados preliminares indicaram que o histórico de apego da infância predisse numerosos aspectos

importantes nos relacionamentos íntimos, (por ex. expectativas, motivação para o envolvimento e empatia), principalmente quando foi considerado em conjunto com outros aspectos das experiências durante a vida, como medidas elementares de competência com os pares e medidas da interação pai filho na adolescência (Sroufe, et al., 2005).

Os diferentes achados e conclusões dos estudos podem estar relacionados a diferenças na forma de acessar o apego. Para Fisher e Crandell (2001) entre as formas de estudo do apego estão a observação de crianças e seus cuidadores e os autorelatos de adultos. A primeira é uma observação comportamental, enquanto a segunda é o estudo das representações mentais das relações de apego, isto é, como cada um mentalmente organiza e pensa sobre seu apego infantil e como isso influencia a qualidade e natureza de seus relacionamentos adultos. Desta forma, não se trata somente da qualidade do apego da infância, mas da representação mental desses apegos que são críticos para as relações íntimas adultas (Fisher & Crandell, 2001). Os estudos sobre os padrões de apego com adultos vêm utilizando diferentes instrumentos, dentre os quais destaca-se o *Adult Attachment Interview* – AAI.

O AAI consiste em uma narrativa em forma de entrevista com adultos que busca estimular indicativos do padrão de apego das relações iniciais e posteriormente codificá-los (seguro/inseguro) (Main, 1995/2001). É importante, no entanto, ressaltar que é a coerência da narrativa, mais do que o que é dito, que mostra-se o principal preditor do grau de segurança do apego (Bing-Hall, 1998). A coerência, de acordo com esse autor, envolve contar uma história plausível e consistente em que o leitor da transcrição possa empatizar com a descrição do narrador a respeito das vicissitudes de sua infância. Já as narrativas incoerentes mostram inconsistências e contradições. Enquanto o AAI foca nas relações iniciais pais/criança, outros estudos utilizam instrumentos que visam acessar os estilos de apego nos relacionamentos íntimos adultos (Fisher & Crandell, 2001; Mikulincer et al., 2002; Orbach, 2007).

As representações mentais são consideradas atualmente de central importância na teoria do apego (Fisher & Crandell, 2001; Sroufe et al., 2005; Waters & Waters, 2006), pois as experiências de apego que são representadas mentalmente estabelecem as condições para procurar, interpretar e reagir a experiências posteriores. Sroufe et al., (2005) ainda acrescentam que as experiências posteriores podem alterar as representações de uma forma transacional, o que explica sua hipótese dinâmica em relação às representações de apego.

Na opinião de Grossmann, et al. (2005) as interações com as figuras de apego na infância se organizam posteriormente como percepções, sentimentos, pensamentos e

comportamentos, especialmente em momentos de estresse. Em sua investigação com adultos usando o *Adult Attachment Interview* e o *Partnership Interview*, os principais achados indicaram que a sensibilidade, o apoio oferecido e interações desafiadoras apropriadas com mãe e pai em situações que evoquem o sistema de apego ou o desejo de explorar, se refletiram em uma estratégia segura e orientada pela parceria da criança ou do adolescente, quando confrontado com desafios. Para os autores o modelo mental da pessoa sobre as relações próximas e o respeito parental pelas necessidades de apego e exploração do ambiente pela criança interferem no desenvolvimento do apego são raízes fortes da valorização dos relacionamentos afetivos na vida adulta.

A segurança do apego construída desde a infância, portanto, é vista como base para a posterior efetividade no relacionamento com pares. Para Sroufe et al., (2005) essa segurança do apego provê: (1) uma base motivacional envolvendo expectativas de se sentir conectado ao outro, (2) uma base para as atitudes envolvendo expectativas e responsividade, (3) uma base instrumental centrada nas capacidades exploratórias, (4) uma base emocional, incluindo capacidades para regulação emocional e (5) uma base relacional, envolvendo empatia e expectativas de mutualidade.

Na literatura revisada, observa-se que diferentes termos, tais como Modelo funcional do eu (Bowlby, 1973/1998) ou representações mentais (Fisher & Crandell, 2001; Sroufe et al., 2005) vêm sendo utilizados para descrever o desenvolvimento do apego, mas partindo de semelhantes pressupostos. Outros autores ainda utilizam o conceito de *scripts* (Bakermans-Kranenburg, 2006; Byng-Hall, 1985; 1995; Waters & Waters, 2006) para denominar estas representações mentais dos relacionamentos de apego (Byng-Hall, 1985; 1995).

Os *scripts* de apego individuais são estruturas cognitivas permanentes que contém o resumo da semelhança (característica principal, sucessão de acontecimentos e formas de resolução de um determinado evento) entre os diversos eventos da vida (Waters & Waters, 2006). Essas estruturas cognitivas geram expectativas e ajudam a preparar e organizar o comportamento (Waters & Waters, 2006). As experiências iniciais produzem o *script* de base segura que provém o *input* para as representações mentais do apego (Bakermans-Kranenburg, 2006). Esta autora, portanto, relata a existência de dois pontos de vista diferenciados em relação aos *scripts*, pois podem ser entendidos tanto como componentes quanto como determinantes das representações mentais. Já Byng-Hall (1995; 2002) se refere ao *script* que é compartilhado nos relacionamentos, em um entendimento que utiliza a teoria do apego e a abordagem sistêmica.

Os *scripts*, organizados através das experiências familiares desde a infância, são um conhecimento implícito. Dessa forma, Waters e Waters (2006) esclarecem que nem as crianças nem os adultos podem dizer com certeza como eles representaram as estruturas causais e temporais das experiências repetidas. Partindo disso, esses autores buscam acessar os *scripts* através de uma narrativa produzida pela pessoa, com conteúdo apropriado, focada no tópico, que tenha suficiente conteúdo e elaboração para revelar o *script* subjacente. A fim de estimular essa narrativa, usam o esquema de palavras que despertam^{*}, o qual investiga o acesso ao apego seguro.

O uso desse instrumento baseia-se na perspectiva de que uma vez estabelecido, o *script* de base segura irá sustentar expectativas generalizadas a respeito das relações próximas. Assim sendo, Waters e Waters (2006) sugerem que ao acessá-lo, as pessoas usarão esse *script* para organizar narrativas relacionadas ao apego e para recuperar seletivamente eventos consistentes do *script*. Nessa perspectiva, as pessoas que não experimentaram apoio de base segura consistente não organizarão e consolidarão um *script* de base segura. Elas terão expectativas diferentes ou menos consistentes em interações de base segura (Waters & Waters, 2006).

É muito importante considerar que os *scripts* são manifestos em padrões de interação evocados em contextos particulares, que ativam comportamento de apego, tais como doenças ou perigo potencial (Byng-Hall, 1991/2005). Para Byng-Hall a teoria geral dos sistemas pode trabalhar no modelo de apego, isto é, de como as relações diádicas afetam e são afetadas pelas outras relações na família. Nas situações que ativam os comportamentos de apego, os *scripts* familiares são estimulados e papéis familiares apropriados ao contexto são evocados. Assim, os *scripts* podem ser tanto individuais como compartilhados, pois a família, como um sistema, também possui um *script* de apego que é compartilhado. Esse apego pode ser referente aos vários subsistemas (por ex. conjugal) ou a todo sistema familiar.

1.3.2 Script de apego compartilhado em casais

A noção de *script* compartilhado desenvolvida por Byng-Hall parte de uma construção de base individual e familiar. O *script* compartilhado é conceituado como o conjunto de estruturas que contém as expectativas e estratégias compartilhadas de resolução de problemas construídas pela família, através de suas experiências e formas de relacionamento (Byng-Hall, 1995; 1991/2005). O aspecto compartilhado seria a

* Tradução de Gomes (2007) para *prompt word outlines*.

representação mental dos elementos básicos do relacionamento interacional. Na infância, a criança se identifica com alguns aspectos dos pais e desaprova outros, enquanto está escrevendo os *scripts* individuais. Isso influencia como ela será no futuro e o tipo de família que ajudará a criar (*script* para a futura vida familiar), o qual é diferente do *script* compartilhado, que é o *script* de família (Byng-Hall, 1995).

O conceito de um *script* familiar refere-se às expectativas compartilhadas que a família tem sobre como os papéis familiares devem ser representados em diferentes contextos, incluindo aqueles de cuidador e de cuidado. Os *scripts* compartilhados de casal são parte do *script* do familiar (Byng-Hall, 1995; 2002). A importância do estudo dos *scripts* de apego compartilhado por casais é explicada pelo fato de que o maior paralelo adulto do apego infantil tem sido identificado como os relacionamentos românticos (Morgan & Shaver, 1999).

Na perspectiva desenvolvimental um relacionamento seguro durante a infância marca o início da aquisição das atitudes de compromisso com pares, da capacidade para permanecer emocionalmente envolvido, bem como para ser atrativo aos parceiros e para o entendimento do que um relacionamento requer (Sroufe, et al., 2005). Durante o desenvolvimento as crianças gradualmente adquirem mais responsabilidade para lidar com as relações de apego, eventualmente tornando-se cuidadores. Novos relacionamentos de apego são formados com outras pessoas, como parceiros conjugais, os quais podem prover um ao outro, mutuamente, com uma base segura (Byng-Hall, 1995; Fisher & Crandell, 2001). Portanto, o relacionamento de apego existente entre os parceiros pode ser observado principalmente quando houver necessidade de uma base segura, como por exemplo, em momentos de estresse e necessidade de apoio. Isso porque o apego está intimamente relacionado à capacidade de confiar em si e no outro, mas é basicamente ativado em situações de vida que são estressantes (Bowlby, 1973/1998; 1982/1997; Weiss, 1991/2005).

Para Byng-Hall (1995/2001), se examinarmos o sistema familiar, o modelo funcional compartilhado de base segura é o de membros da família apoiando um ao outro a cuidar de seus membros, portanto o lema de uma base segura da família é “colaborar para cuidar”. Uma base segura familiar, no entanto, não impedirá que seus membros possam sentir-se inseguros durante uma grande crise, até porque há fatores que minam a segurança da base familiar como, por exemplo, em momento de estresse ou de alguma necessidade na família, quando pode haver uma perda da prioridade no cuidado dado à criança (Byng-Hall, 2002). De acordo com o autor, isso tende a acontecer em situações de conflito em que os cônjuges vêem um ao outro como ameaça e não como fonte de apoio. Nesses casos, a

prioridade passa a ser a sobrevivência de cada cônjuge em detrimento da sobrevivência da criança (Byng-Hall, 2002). Isso reflete a importância da consideração da relação do casal no sistema familiar, pois é um subsistema importante na qualidade das relações familiares e da vida individual de seus membros.

Byng-Hall (1995) usa o conceito de base segura familiar para prover um modelo sistêmico de entendimento do padrão de apego familiar, no qual as influências mútuas entre os diferentes apegos podem ser pensadas. Isso significa que cada um dos parceiros leva sua “bagagem”, mas constrói algo diferente na relação com o outro. Na teoria sistêmica, essa fase do ciclo de vida familiar na qual diferentes famílias se reúnem pelo casamento também é entendida não somente como a união de duas pessoas, mas como uma transformação de dois sistemas inteiros (Carter & McGoldrick, 2001). Nesse momento, inicia-se a formação do *script* de apego compartilhado (Byng-Hall, 1995, 1991/2005), podendo estabelecer-se uma dinâmica diferenciada nessa nova família. A base segura familiar provê uma rede confiável de cuidados que dá a cada membro um senso suficiente de segurança para explorar e se desenvolver. Se a família tem batalhas de poder entre o casal, situação social adversa ou perdas, isso reduzirá a disponibilidade do cuidado e apoio.

As representações de apego ou *scripts* de apego compartilhado em casais (Byng-Hall, 1995, 2001/2005) também têm sido denominadas *script* de casais (Walker & Dickson, 2004) e apego complexo* (Fisher & Crandell, 2001), representando uma dimensão específica do apego desenvolvido na vida conjugal. O termo apego complexo vem sendo usado, tendo em vista que esse sistema tem uma dimensão extra de reciprocidade (Crowel & Treboux, 2001; Fisher & Crandell, 2001), se comparado com o apego nas díades cuidador-criança que é unidirecional, ou seja, um está na posição de dependente e o outro na de cuidador (Fisher & Crandell, 2001). Na reciprocidade ou bidirecionalidade que marca as relações de apego entre os parceiros, um pode funcionar como uma figura de apego para o outro, movendo-se empática e flexivelmente entre as duas posições. Esses conceitos de *script* de apego compartilhado, complexo e *script* de casais têm em comum o fato de se referirem aos aspectos advindos do que é compartilhado no relacionamento daquele casal e que também é relacionado à história de apego individual de cada um, ou seja, seu *script* de apego individual.

Noção semelhante é desenvolvida por Orbach (2007), ao estudar os aspectos compartilhados e os espaços individuais existentes entre os membros do casal. No entendimento dos casais, Orbach considera os espaços entre indivíduos enquanto casal, a capacidade de compartilhar, sua habilidade individual e conjunta de desejar, a disposição

* Tradução de *complex attachment*

da necessidade de dependência entre os membros do casal, e a intensidade ou ausência da procura pelo reconhecimento do outro e as características do apego que o casal cria conjuntamente. De acordo com a autora, não é o caso de acessar o casal somente como dois indivíduos com sua história única de apego, mas do apego co-criado pelo casal, uma terceira forma de apego, ou seja um relacionamento com a capacidade de se tornar uma plataforma no qual indivíduos se relacionam, ou seja, uma base segura. O relacionamento, por exemplo pode prover segurança suficiente para mitigar alguns efeitos de um apego individual inseguro.

Os estudos de apego de casais têm usado entrevistas que permitam acessar a dupla em seus aspectos compartilhados. Fisher e Crandell (2001), por exemplo, testaram uma hipótese de relação entre apego seguro e reciprocidade no relacionamento e do apego inseguro com rigidez no relacionamento. Para tal usaram o *The Couple Attachment Joint Interview (CAJI)*, uma entrevista clínica semi-estruturada derivada do AAI, dirigida ao casal como uma entidade. Essa entrevista, por exemplo, vê a forma que os casais descrevem sua reação a doenças, perdas e separação, se eles sentem que podem depender um do outro e se dão uma descrição detalhada e coerente que apóie essa crença. A atenção do codificador é dirigida à representação conjunta do relacionamento e de uma observação de seu comportamento, portanto está voltada à segurança do relacionamento. Na realização desse estudo, os autores conceituaram o apego seguro e inseguro de casal, bem como suas variações: o apego do casal distraído/distraído; o preocupado/preocupado e o distraído/preocupado. Os principais indicadores de apego seguro de um casal são a habilidade de trocar a posição de dependência, empatia dos sentimentos e sensações do parceiro. Há uma expressão aberta da necessidade de conforto e contato e recepção do contato. No apego inseguro do casal, os principais indicadores são a falta de flexibilidade, mutualidade e de bidirecionalidade reversível. Apresentam assimetria e rigidez no relacionamento, com pouco movimento dos parceiros de uma posição à outra e dão pouca atenção à natureza da experiência do outro (Fisher & Crandell, 2001).

Os *scripts* do casal são vistos como influências importantes em todo ciclo vital, tanto como base para a repetição quanto para a mudança. Para Byng-Hall (1995), as crianças inevitavelmente utilizarão algumas de suas experiências familiares e irão recriá-las na próxima geração, como *scripts* replicativos. Em outras experiências, talvez desconfortáveis, frequentemente tenderão a fazer o oposto quando tiverem sua família, assim desenvolvendo *scripts* corretivos. Há também os estilos parentais influenciados pela observação de outras famílias, chamados de *scripts* improvisados. Estes, se repetidos com o tempo, se tornarão *scripts* familiares. Os *scripts* improvisados, diferente dos demais, são

escritos em resposta à situação atual, motivados por uma necessidade familiar, ou dirigidos por curiosidade ou desejo de explorar. Há sempre uma tensão entre esses três *scripts*. A escolha de um(a) parceiro(a) com o qual iniciar uma família envolve a oportunidade de reencenar *scripts* replicativos e corretivos, de forma que reflitam o melhor das experiências com os pais, além de desenvolver *scripts* improvisados (Byng-Hall, 1995).

Os *scripts* improvisados de um casal, não derivados das experiências com a família de origem, podem relacionar-se a uma necessidade análoga à fase de “perigo potencial” na organização do apego em que algo tem que ser feito quando soluções antigas não estão funcionando, ou pela improvisação advinda da curiosidade quando é seguro tentar algo novo, mesmo que seja incerto onde isso irá levar. Essa segunda possibilidade mostra-se análoga à fase exploratória na organização do apego (Byng-Hall, 1995). O *script* particular do casal pode ser identificado pelas expectativas deste sobre como as coisas devem ir (Ex., trágico, otimista, de apoio, de sucesso, etc.) ou através da principal estratégia empregada (Ex., evitativa, autoritária, etc.). Dois *scripts* particularmente importantes para o casal são o de solução de problemas e o de solução de conflitos. Eles podem ser frequentemente identificados pela principal estratégia utilizada (Ex., a triangulação quando problemas entre díades são resolvidos incluindo outro, a evitação de conflito, a coerção ou opressão, culpas, cooperação e colaboração, negociação, etc.).

O modelo conceitual dos *scripts* é importante para entender como a informação é armazenada e como as memórias armazenadas influenciam a forma como uma situação é percebida, modificada, devolvida e processada dentro do indivíduo (Byng-Hall, 1995; Waters & Waters, 2006) e entre as pessoas (Byng-Hall, 1995). Ademais, as informações armazenadas nos *scripts* também são processadas através de uma dramatização de cenários fora da consciência das pessoas (Byng-Hall, 1995), ou seja, em termos inconscientes.

Os *scripts* replicativos e corretivos podem ser melhor entendidos através de uma investigação dos padrões relacionais familiares com as gerações anteriores. De acordo com Byng-Hall (1995) a revisão dos aspectos de transmissão transgeracional de padrões de apego vem mostrando que a dificuldade no comportamento de cuidar, por parte dos pais, também é fortemente associada com relatos de distúrbios nos seus próprios relacionamentos de apego infantis em função de situações como divórcio, mortes, ou separações longas dos pais. Porém, uma hipótese importante sugere que talvez não seja necessariamente o que ocorreu na infância dos pais que influencia se eles podem ou não prover uma base segura aos seus filhos. O importante é a representação mental das relações de apego, ou seja, o que eles fizeram daquela experiência (Crowell & Treboux, 2001; Fisher & Crandell, 2001; Waters & Waters, 2006). Nesse sentido, um relacionamento de

apoio com o cônjuge é um facilitador, pois de acordo com Byng-Hall (1995), um *script* corretivo é mais fácil de operar com suporte e admiração de outros e principalmente quando um casal se forma ou durante a gravidez do primeiro filho.

A transmissão da história do apego nas gerações também é enfocada por Cowan e Cowan (2001). Esses autores ressaltam, entretanto, que o padrão de apego não pode ser considerado rígido, pois há um potencial para quebrar o ciclo onde relações familiares negativas em uma geração são transmitidas à outra. A sua hipótese é que relacionamentos familiares não satisfatórios tendem a ser reencenados na atual família quando o relacionamento conjugal esteja baseado em conflitos não resolvidos. Por outro lado, o relacionamento satisfatório atual pode proteger um casal de repetir formas antigas e não produtivas de relacionamento (Cowan & Cowan, 2001), ou seja, de somente reencenar *scripts* replicativos não satisfatórios para este casal.

O estudo do apego no adulto e nos relacionamentos entre adultos tem adquirido grande relevância, tendo em vista que na literatura é ressaltada que uma das funções do apego é o desenvolvimento da capacidade de dar e receber apoio (Bowlby, 1907/1997; Grossman & Grossman, 1991/2005; Marris, 1991/2005; Mikulincer et al., 2002; Weiss, 1991/2005). Disto decorre que as pessoas são menos vulneráveis a eventos perturbadores e se recuperam dele mais rapidamente quando são sustentadas por relações contínuas de apoio (Marris, 1991/2005). Um casamento íntimo em que o casal comunica seus sentimentos e trata sua vida juntos como parceiros, mais do que uma simples divisão de tarefas, parece, por exemplo, ser uma proteção contra a depressão (Marris, 1991/2005). Isso reforça a importância do *script* compartilhado pelos casais, um tipo de apego próprio da etapa da vida adulta e relacionada à capacidade de confiança e apoio.

Os resultados de dois projetos conduzidos por Grossmann, et al. (2005) *The Bielefeld e Regensburg Longitudinal Studies*, reforçam a ideia de que os pensamentos e sentimentos dos adultos jovens sobre relacionamentos íntimos são muito influenciados tanto pelo relacionamento inicial quanto pelo relacionamento posterior com seus pais. Esses estudos duraram respectivamente 22 e 20 anos e acompanharam os participantes desde a infância até o início da vida adulta. Crowell e Treboux (2001), no entanto, ressaltam que enquanto as representações de apego baseadas na infância são relacionadas ao comportamento de base segura num relacionamento, é a representação do apego no atual relacionamento que está mais associado à separação ou divórcio. Essas ideias também são coerentes com a noção de que *scripts* replicativos, corretivos ou improvisados (Byng-Hall, 1991/2005; 1995) estejam presentes e devam ser levados em conta no entendimento do que é compartilhado na relação de um casal.

Ao estudar os processos emocionais na família nuclear, Bowen enfatizou que a intensidade de problemas ou conflitos existentes pode se relacionar ao grau de diferenciação dos membros da família, à extensão do desligamento emocional em relação à família de origem e ao nível de estresse existente no sistema familiar (Nichols & Schwartz, 2007). O tema central da teoria dos sistemas familiares de Bowen (1991) é o de que todos têm um eu diferenciado, ou estão indiferenciados ou tem um apego emocional não resolvido em sua família de origem. Para este autor estes distintos termos descritivos referem-se ao mesmo fenômeno (Bowen, 1991). Ele entende que apesar de todos terem algum grau de problemas de apego não resolvido com sua família de origem, pessoas diferenciadas têm mais recursos de resolução que pessoas menos diferenciadas, isto é, pessoas com maior dificuldade quanto ao equilíbrio entre autonomia e proximidade (Kerr & Bowen, 1988). Na teoria de Bowlby (1982/1997) também encontra-se o entendimento que uma personalidade bem adaptada apresenta um equilíbrio entre iniciativa e autoconfiança e, por outro lado, a capacidade para buscar ajuda e fazer uso da ajuda quando a ocasião requer.

Um estudo longitudinal com famílias conduzido por Cowan e Cowan (2001), realizou um projeto longitudinal de intervenção preventiva com casais cujos filhos estavam iniciando a escolarização formal. Os casais foram distribuídos aleatoriamente em grupos com e sem intervenção. Desta forma os pesquisadores buscavam examinar se o auxílio voltado aos conflitos entre o casal, à relação pais/filhos e a problemas tri-geracionais levavam homens e mulheres a formas mais satisfatórias e efetivas de relacionamentos como parceiros conjugais e como pais. Os resultados desse estudo mostraram uma relação entre apego aos pais e o apego aos parceiros. As hipóteses foram corroboradas, pois o auxílio ao casal trouxe ganho na vida conjugal e, subsequentemente, para a adaptação dos filhos nesse momento de transição.

Esse mesmo estudo foi replicado por Cowan e Cowan (2001) com famílias cujos filhos estivessem entrando no jardim de infância, isto é, com idades próximas aos 5 anos. A abordagem utilizada pelos autores foi a teoria do apego e o modelo conceitual de desenvolvimento subjacente foi derivado da teoria dos sistemas familiares. Os cinco aspectos-chave avaliados no sistema familiar foram: como indivíduos, como casais, como pais, o modelo parental de funcionamento baseado em sua experiência com a família de origem e o balanço entre o estresse na vida e o suporte social fora da família. Quanto aos padrões de apego avaliaram se os parceiros contam com o apoio do outro nos momentos de estresse e o quanto cada um se sentia valioso para receber cuidado. Como conclusão, esses autores ressaltam a importância do estudo dos casais, tanto pela sua vida conjugal, quanto

pela importância desse subsistema no sistema familiar (Cowan & Cowan, 2001). Entenderam que seus resultados foram consistentes com as ideias de Byng-Hall (1991/2005), sobre a família como uma base segura para seus membros. No entanto, como outros estudos, encontraram que os padrões de apego da infância estavam apenas moderadamente relacionados aos da vida conjugal. No curso ordinário de eventos, os padrões tendiam a ser repetidos, mas o usual é que nem tudo fosse igual, levando a mudanças (Cowan & Cowan, 2001).

Estudos que tratam da qualidade da relação de casal vêm encontrando que os principais preditores da satisfação na relação conjugal são a intimidade comunicativa e a excitação física (Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani, Natividade, 2004), a aliança e a sexualidade (Féres-Carneiro, 1998). A intimidade comunicativa ou aliança relaciona-se à confiança e ao sentimento de ser entendido. Isso explica porque um relacionamento mais seguro entre os parceiros pode reduzir o impacto dos eventos estressantes (Pietromonaco, et al., 2006). Num estudo sobre estilos de apego e apoio dispensado ao parceiro, Pietromonaco e Barret (*in press*) sugerem que o desenvolvimento da intimidade e confiança nos relacionamentos pode estar ligado a quão bem cada parceiro pode responder, permitindo ao outro alcançar um senso de segurança. De acordo com Mikulincer, et al. (2002), diversos estudos com casais têm trazido evidências que apóiam a relação entre a segurança do apego e a satisfação no relacionamento conjugal, como por exemplo, mais intimidade entre o casal, menos ambivalência entre eles e um clima mais positivo no casamento. Esses estudos, no entanto, não vem enfocando especificamente a existência de um *script* compartilhado, como uma base segura própria do relacionamento do casal.

Outros achados frequentes nas pesquisas revisadas por Mikulincer et al., (2002) foram uma associação positiva entre relatos de apego seguro e satisfação num relacionamento específico (ex. Cozzarelli, Hoekstra & Bylsma, 2000; Cowan & Cowan, 2001) e com o envolvimento e a interdependência num relacionamento (ex. Collins & Read, 1991; Hazan & Shaver, 1987; Mikulincer & Erev, 2001). O apego seguro de um parceiro foi significativamente associado com o relato do outro membro do casal em termos de satisfação e qualidade da relação (intimidade e compromisso). No entanto, esses achados foram mais consistentes para as mulheres. O padrão de apego seguro presente em ambos foi considerado uma contribuição significativa para a sua satisfação conjunta na relação, enquanto na existência de um dos parceiros com altos escores de apego ansioso ou evitativo, ambos tendiam a relatar insatisfação na relação conjugal (ex. Collins & Read, 1991; Mikulincer & Erev, 2001; Shaver & Brennan, 1992). Esses estudos mostram,

portanto, as tendências existentes no relacionamento de um casal, advindas da combinação de seus scripts de apego individual.

Na opinião de Mikulincer et al. (2002), a revisão dessas pesquisas levantou algumas hipóteses importantes, principalmente sobre a origem dos frequentes relatos de satisfação das pessoas que tem parceiro com apego seguro: a) o comportamento do parceiro seguro reforça a satisfação do outro; b) seu alto nível de satisfação leva o parceiro a se sentir mais seguro na relação; c) as pessoas seguras escolhem parceiros dispostos a uma relação estável e satisfatória. É possível que essa relação trate de influências bidirecionais, envolvendo padrões circulares de influência (Mikulincer, et al., 2002; Morgan & Shaver, 1999; Sroufe et al., 2005), como sugere a teoria dos sistemas familiares (Minuchin, 1985). Os padrões circulares de influência são parte da dinâmica que cria um *script* compartilhado na relação de um casal.

Através do uso de um modelo sistêmico, Mikulincer et al. (2002) explicam os três principais caminhos que ligam a associação entre o senso de segurança do apego ao de satisfação na relação de um casal: 1) os objetivos interacionais do companheirismo, os quais facilitam a intimidade e a proximidade e encoraja o envolvimento em relacionamentos conjugais longos e duradouros; 2) o modelo positivo do self e dos outros que caracteriza o senso do apego seguro melhora o desempenho no conflito e conseqüentemente na relação conjugal; 3) a satisfação das necessidades básicas do outro.

Para Orbach (2007) a qualidade da relação entre os cônjuges está relacionada a esquemas de apego ativos no casal, ou seja, aquele de cada indivíduo e aquele da entidade - o relacionamento de casal que eles criaram. De acordo com a autora, a qualidade nessa relação tende a ser melhor quando o casal tem uma intimidade sustentável, ou seja, o reconhecimento do espaço necessário entre o casal. Esse aspecto tem de ser contextualizado para cada casal em particular, entendendo o que faria possível a eles criar e manter distinção em relação ao parceiro (a) para poder ser próximo (Orbach, 2007).

A capacidade de distinção em relação a um parceiro ou à família é denominada por Bowen como diferenciação (1991; Kerr & Bowen, 1988). Para ele, um dos motivos de satisfação em um relacionamento refere-se ao equilíbrio existente no casal entre o que é individual e o que é compartilhado por eles casal, ou seja sua diferenciação. A individualidade refere-se à necessidade de independência, enquanto que a proximidade relaciona-se à busca do parceiro (Kerr & Bowen, 1988). Isso não significa inexistência de conflitos, pois como ressalta Vincent (2001), na vida de um casal a existência de conflitos é o esperado, especialmente enquanto os parceiros estão buscando balancear os interesses individuais com os compartilhados.

Tendo em vista esses riscos, mostra-se importante entender mais profundamente o fenômeno do apego durante todo ciclo vital, até porque a qualidade da relação de um casal parece ser influenciada por todo seu histórico de vida individual e familiar, bem como pela sua história como casal. Conforme referem Sroufe, et al. (2005), as relações de apego infantil são uma base, mas funcionam em conjunto com experiências posteriores na família e com pares, formando a fundação para relacionamentos íntimos (por ex. conjugais), os quais são fundamentos adicionais para parentalidade e outras questões da vida adulta.

Cada pessoa desenvolve durante a vida um *script* de apego individual, que também funciona como um modelo para as relações. Esse *script* influencia a sua expectativa e sua capacidade de reciprocidade num relacionamento, especialmente em face a situações estressantes. No caso de casais, é provável que desenvolva-se um *script* compartilhado, relacionado, mas não necessariamente igual ao *script* individual dos membros do casal. Isso significa que haja um padrão de apego seguro ou não no relacionamento. Esse padrão é vivenciado na relação interpessoal desse casal, ou seja, no que na teoria sistêmica denomina-se ou subsistema conjugal ou o coparental. Para Cowan e Cowan (2001), o modelo do apego tem um importante papel na forma como nos relacionamos com os parceiros adultos e também em outras relações, especialmente quando o relacionamento está precário ou ameaçado ou se enfrenta situações difíceis, como no caso de problemas marcantes no desenvolvimento dos filhos.

1.4. Uma base segura em casais com um filho com autismo

Tendo em vista que a convivência com uma criança com Transtornos do desenvolvimento é um estressor potencial e que esse filho tende a se distanciar ainda mais do filho imaginário e desejado pelos pais, alguns autores entendem que uma reformatação do modelo funcional do eu dos membros do casal em relação ao filho, pode ser necessária no caso de um filho com autismo. Isto porque essas representações ou *scripts* contém as expectativas também em relação a um filho e de como ele será. De acordo com Oppenheim, et al. (2007), a experiência emocional de receber esse tipo de diagnóstico é sentida como uma perda, mas da perspectiva da teoria do apego, os pais que lidam com sucesso com as emoções geradas ao saber do problema do filho e que com o tempo revisam a sua visão da criança, são considerados resolvidos com respeito ao diagnóstico.

Esses autores (Oppenheim, et al., 2007) revisaram a teoria de Bowlby sobre perda e luto, ressaltando que a elaboração requer incluir a aceitação da natureza irreversível da perda e que a vida tem de ser reformutada, para que haja um processo de luto saudável por parte do casal. Ao contrário, a falha nessa revisão dentro dos limites da perda, diminui a

capacidade destes para se adaptar, porque o modelo funcional do eu e a realidade externa se tornam incongruentes (Oppenheim, et al., 2007). Isto pode gerar dificuldades na relação do casal.

A falta de satisfação conjugal e de senso de competência parental também aumenta o risco de tornar a família disfuncional (Sprovieri e Assumpção Jr., 2001). De acordo com os autores, isso pode acontecer porque com a existência de uma criança deficiente os pais podem encontrar dificuldade de viver a criatividade e o crescimento em sua relação, bem como dificuldades com sua individualidade. Ressalta-se, no entanto, que assim como há famílias com crianças autistas que são funcionais, o padrão disfuncional pode ocorrer em diversas famílias quando se superorganizam em torno de uma situação crônica (Sprovieri & Assumpção Jr., 2001). Nesse sentido, Seligman e Darling (2007), ressaltam que as famílias, as quais tem de lidar com um grande número de estressores, podem focar em uma deficiência da criança como uma fonte de problemas familiares, permitindo ao casal se distanciar de questões de seu relacionamento. Essas perspectivas sugerem, portanto, que seja importante discriminar os problemas familiares trazidos pelo autismo da criança daqueles que existiriam sobre qualquer outra circunstância.

Seligman e Darling (2007) sugerem que uma relação conjugal problemática pode ficar consideravelmente pior com o nascimento de uma criança com alguma deficiência e em outras famílias uma criança com deficiência pode agravar problemas existentes, mas latentes. Existem aquelas, no entanto, que podem lidar com sucesso com essa situação, principalmente quando o apoio está presente dentro e fora da família. No caso do autismo, enquanto estressor crônico potencial, não pode negar-se que se estabelece um desafio para essas famílias, pois os cônjuges vão ter de se adaptar às vicissitudes do autismo, na tentativa de preservar sua identidade individual, de casal e parental.

Alguns dos principais aspectos relacionados ao ajustamento parental são a relação com os próprios pais e a conjugal (Floresheim, et al., 2003). Em investigação realizada por esses autores, os pais que relataram relações positivas com seus próprios pais e parceiros antes do nascimento do filho, relataram também maior ajustamento à parentalidade, num acompanhamento posterior. Na opinião de Story, Karney, Lawrence e Bradbury (2004), essas experiências na família de origem são levadas à próxima geração de relacionamentos, através dos processos interpessoais. Esses autores, no entanto, não realizaram suas investigações com casais que tenham um filho com autismo ou alguma deficiência. Eles se referem a experiências facilitadoras ou não na história conjugal e na relação com os próprios pais.

Uma parceria estável e ajustada de um casal auxilia a manter a segurança familiar e da criança em relação aos pais. Para Byng-Hall (1995), a arte de auxiliar o(a) parceiro(a) nos relacionamentos de cuidado repousa na preocupação e interesse, tolerando, por exemplo, evitar ser intrusivo, competitivo, brigar pelo poder ou até tolerar ser deixado(a) de lado e observar o que está acontecendo. Isso sugere que é importante avaliar o contexto de toda a família e o apoio recebido ao considerar a segurança que a família provê aos seus membros (Byng-Hall, 1995). De acordo com essas noções, a relação conjugal interfere fortemente no compartilhamento dos cuidados com o filho e no apoio recebido e dado nessa situação.

As características das crianças com autismo parecem ter um grande impacto no sistema familiar, o que explica a grande necessidade de suporte sentida pelos familiares. Em relação às mães, por exemplo, encontra-se que os principais tipos de suporte desejado por elas são o compartilhamento no cuidado e na responsabilidade disciplinar com o filho, além de ajuda espontânea do cônjuge (Fávero, 2005; Konstantareas & Homatidis, 1989; Schmidt, 2004). Esses achados refletem a importância do relacionamento existente entre os membros do casal e sua capacidade de apoio recíproco.

A vida pessoal e familiar certamente são afetadas pela presença de um filho autista, contudo isso ocorre de formas diferentes entre as diversas famílias que possuem essa vivência (Howlin, 1998). Altos índices de estresse familiar, no entender da autora, estão associados à falta de auxílio e de suporte e às características da criança. Já o apoio da família, amigos, outros pais de crianças com dificuldades e, acima de tudo, a empatia existente entre os parceiros, são cruciais para minimizar o estresse.

Além do impacto desses fatores na relação do casal, as diferenças na segurança do apego podem ser particularmente significativas, pois o estresse é um fator que tende a reativá-lo. Como referem Nichols e Schwartz (2007), o apego envolve, entre outros aspectos, a busca de proximidade com a figura de apego em situações de estresse. A forma que as pessoas percebem, recebem e dão apoio ao parceiro pode estar relacionado aos *scripts* de apego construídos nas relações desde a sua infância e àquele construído pelo casal.

1.5. Justificativa, objetivos e expectativas do estudo

Atualmente ainda há um escasso número de pesquisas sobre apego compartilhado por casais no contexto do autismo, apesar do apoio mútuo entre os parceiros ser um indicativo de saúde dessas famílias. Um dos poucos estudos que enfoca o apoio existente

no casal, encontrados na literatura nacional é oriundo da área da coparentalidade e enfoca pais de crianças com autismo (Sifuentes, 2007).

A importância do estudo dos *scripts* ou representações de apego individual justifica-se no sentido de que posteriormente à formulação da teoria de apego por Bowlby, outros estudos ainda vêm mostrando que, nos relacionamentos de casais, forma-se um *script de apego compartilhado* (Byng-Hall, 1985, 1995). Esse novo *script* familiar é influenciado tanto pelas representações de apego do passado (*scripts* individuais), quanto pelo relacionamento atual com um(a) parceiro(a) e pela história da família que criaram (ex. aspectos da conjugalidade e das vivências familiares). Tanto o *script* individual de apego, quanto o *script* compartilhado são importantes no estudo do sistema familiar, especialmente na vivência de situações potencialmente estressantes, como no caso de ter um filho com autismo. Além disso o período de escolarização do filho também se mostra um período de mudanças nas famílias. Dentro do ciclo de vida familiar, a educação dos filhos requer muitos ajustamentos e negociações (Berthoud, 2002). No período escolar, por exemplo, os pais têm de efetuar importantes escolhas quanto à educação do filho e ampliar a sua rede de convivência, marcando uma transformação na vida familiar. No caso de crianças com autismo, esse momento pode acentuar a percepção dos pais acerca das diferenças do filho, constituindo-se um período de estresse ainda maior para o casal.

Baseado nisso, esse estudo investigou as relações entre o apego individual e o apego compartilhado na relação de casais com um filho com autismo. Sua relevância justifica-se pela importância de compreender o funcionamento do casal diante de comprometer-se de desenvolvimento no filho, visando o desenvolvimento futuro de intervenções que possam auxiliar essas famílias.

Com base na literatura revisada, esperava-se que os casais onde ambos os cônjuges tivessem acesso ao *script* individual de base segura, apresentassem maiores indicadores de apego compartilhado seguro do que casais em que apenas um ou nenhum dos cônjuges possuíssem acesso ao *script* de base segura. Portanto, por indicativos de apego de cada casal, considerou-se o apego individual e o compartilhado pelos parceiros. Por apego seguro individual entendeu-se a capacidade de acesso ao *script* de base segura, relacionada à capacidade de confiança em si e no outro, bem como a capacidade de dar e de sentir-se merecedor de atenção e apoio e a capacidade de exploração livre/base segura no adulto, isto é, sua independência. Por apego compartilhado, compreenderam-se os seguintes aspectos: relação do casal marcada por um apoio mútuo de forma aceita pelo casal, bem como um equilíbrio entre a individualidade e a intimidade ou proximidade entre eles; a divisão de tarefas, a solidariedade, bem como as estratégias de resolução de conflitos.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Delineamento

A fim de compreender as possíveis relações entre os *scripts* individuais e compartilhados, em casais com um filho com autismo, realizou-se um estudo de caso coletivo (Stake, 1995), de caráter exploratório e descritivo.

2.2 Participantes

Participaram deste estudo três casais que possuíam um filho, com idade entre oito e dez anos, com diagnóstico prévio de autismo. Essas crianças não apresentavam deficiência física ou sensorial associada ao autismo, nem qualquer outra condição crônica de saúde. Os três casais coabitavam e ambos os cônjuges eram os pais biológicos da criança.

2.3 Materiais e Instrumentos

Ficha de Dados Demográficos (NIEPED, 2000): coleta diversas informações sobre cada um dos participantes e sobre a caracterização da família (Anexo B).

Medida de apego individual - Attachment Script Assessment (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001): avalia se a pessoa possui ou não o *script* de base segura. Esse instrumento segue o procedimento de esquemas de palavras que despertam o *script*. Pede-se aos indivíduos que contem uma história com palavras de uma lista (Anexos C e D). As histórias construídas são posteriormente analisadas em termos de coerência, conhecimento e acesso ao *script* de base segura. Cada história recebe um escore de 1 a 7, sendo o resultado final definido pela média de quatro histórias elaboradas, de acordo com os critérios dos autores. Esses critérios também permitem um exame qualitativo acerca da facilidade/dificuldade de acessar o *script* de apego seguro.

Os extremos de escores vão desde uma organização extensiva do *script* de base segura com elaboração substancial (escore 7) à falta de conteúdo de *script* de base segura aparente (escore 1). O escore 1, portanto é reservado para histórias nas quais as palavras sejam usadas de forma idiossincrática ou como uma descrição de eventos e portanto sem conteúdo de base segura, (Waters & Waters, 2006). Escores próximos de quatro ou superiores indicam a presença de um *script* de base segura (Verissimo & Salvaterra, 2006). De acordo com Waters e Waters (2006), o ASA também permite a verificação dos *scripts*

de apego na relação pais-criança e na relação adulto-adulto, importante nas verificações de hipóteses de que as experiências nas relações pais crianças são um protótipo que influencia nas relações entre parceiros adultos. Estudo de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) com adultos encontrou uma alta correlação entre esse instrumento e a coerência no AAI. Outra pesquisa mostrou que eles estão não só correlacionados, como compartilham os correlatos. A consistência e estabilidade temporal das representações de apego maternas medida pelo ASS foi confirmada em estudo de Vaughn et al. (2006), no qual um grupo de mães (N=55) foi testado duas vezes, com um intervalo entre 12 e 15 meses de diferença. Também foram encontradas evidências da relação entre a forma como as mães representam o *script* de base segura e a forma que organizam o comportamento interativo com filhos (Coppola, Vaughn, Cassibba & Constantini, 2006). Nesse estudo o acesso ao *script* de base segura foi considerado como um escore superior a três na média total, baseado em Verissimo e Salvaterra (2006).

Roteiro para Entrevista sobre indicativos de apego compartilhado pelo casal (NIEPED, 2004; 2008): este instrumento foi especialmente elaborado para este estudo, a partir da entrevista de coparentalidade, sendo acrescentados outros itens que focam a relação conjugal mais detalhadamente. Avalia diferentes dimensões da relação conjugal e coparental que, segundo a literatura, estão relacionadas ao apego compartilhado pelo casal, tais como Relacionamento com o filho; Compartilhamento de cuidados; Engajamento em atividades com a família; Percepção do convívio com a família; Relacionamento do casal; Apoio Mútuo; Tempo disponível para o casal; Mudanças na Rotina do Casal em função do Filho; Conflitos e sua resolução; Percepção acerca do parceiro; Intimidade (proximidade) existente entre o casal; Individualidade dos parceiros (Anexo E).

Ficha de Impressões do Pesquisador (NIEPED, 2004): serve para o registro das impressões gerais do pesquisador sobre o comportamento afetivo do casal, nos seguintes aspectos: emoção explícita (Ex: embargo da voz, olhos marejados, indicadores de raiva tais como elevar a voz, ou alegria/conforto - sorrisos); contato afetivo (toque de mãos, carinho, etc.); cooperação e reciprocidade (ambos falam, complementam as falas um do outro), retraimento (silêncio prolongado, fala somente quando lhe dirigida a palavra). Estes registros baseiam-se nas Diretrizes para Entrevista Conjunta do Casal (NIEPED, 2004).

2.4 Procedimentos

Entrou-se em contato com instituições que atendem a pessoas com autismo. Após a concordância da instituição e da identificação dos casos que atendiam aos critérios de inclusão anteriormente descritos, os pais foram convidados por telefone a participar do estudo. Foram realizados encontros nas residências dos participantes para a explicação do estudo, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) e aplicação dos instrumentos. As entrevistas foram realizadas de forma conjunta com cada casal, sendo gravadas e posteriormente transcritas para fins de análise. O *Attachment Script Assessment* foi administrado individualmente para cada membro do casal, sendo a sessão gravada em áudio para posterior aferição. A aplicação foi feita na casa de duas das famílias e num consultório particular para outra.

Foi realizada uma análise independente dos instrumentos, ou seja, avaliadores diferentes para o *Attachment Script Assessment* e para a entrevista sobre os indicativos de *script* compartilhado pelo casal. Cada avaliador não teve acesso às medidas internas de cada casal durante a análise.

Os dados das fichas sobre dados demográficos e Ficha de Impressão do Pesquisador foram utilizados para a caracterização dos participantes.

Os dados do *Attachment Script Assessment* foram analisados quantitativamente de acordo com os critérios de Waters e Rodrigues (2001) por uma pesquisadora independente treinada na aferição desse instrumento e cega aos objetivos do estudo.

Os dados das entrevistas sobre os indicativos de *script* compartilhado pelo casal foram submetidos a uma análise de conteúdo (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999), descrevendo em categorias temáticas as informações investigadas. A avaliadora do apego compartilhado em casais foi cega às medidas do apego individual. Foram utilizadas tanto categorias *a priori* extraídas da literatura, bem como categorias geradas a partir dos dados do estudo:

-Divisão de tarefas: A divisão de trabalho relacionado ao cuidado da criança compreende tarefas parentais como alimentação, organização de hábitos de higiene, transporte, auxílio em tarefas escolares, acompanhar o filho em atividades recreativas. Essas tarefas foram analisadas com base em dois aspectos principais: quem as executa e formas de execução (auxílio ocasional ou responsabilidade estável). Por auxílio ocasional entendem-se atividades em que o pai/mãe participa como co-responsável de forma irregular. Por sua vez, por responsabilidade estável compreendem-se atividades onde o pai/mãe é o principal executor, de forma constante.

-Momentos de solidariedade e apoio mútuo: Esta categoria contempla estratégias e ações que funcionam no sentido de potencializar os esforços dos parceiros para atingirem objetivos propostos para a criação da criança (Van Egeren & Hawkins, 2004). A partir dos relatos dos casais, foi possível identificar as situações que eliciam solidariedade e apoio.

-Dissonância e antagonismo: aqui são descritas as situações que representam divergências entre o casal enquanto parceiros parentais (ex: práticas disciplinares) bem como as estratégias para enfrentamento desses conflitos (ex: evitação, diálogo).

-Características individuais: Essa categoria agrupa respostas de autopercepção e como percebem o(a) parceiro(a) enquanto pais, parceiros parentais e parceiros conjugais, tanto em aspectos considerados positivos, quanto negativos.

-Percepção do filho: essa categoria abarca os relatos sobre a forma como os casais percebem o filho com autismo. Estão incluídas a percepção sobre características pessoais, sobre características típicas do autismo, bem como a ênfase dada na dificuldade de discernir os problemas comportamentais devido a características pessoais ou características do autismo.

-Conjugalidade: Nessa categoria foram reunidos os principais relatos envolvendo os conflitos existentes entre o casal, as formas de resolução e a individualidade e proximidade existente no casal e o equilíbrio entre estes. Inclui também a forma como percebem sua vida a dois, a quantidade e a qualidade do tempo que é dedicado ao casal.

-Rede de apoio social: essa categoria reúne relatos de como as famílias percebem sua rede de apoio social e de onde provém.

A análise destas categorias ocorreram de forma interpretativa.

2.5. Considerações éticas

Os princípios éticos concernentes a pesquisas buscam garantir a proteção dos direitos, dignidade e bem-estar dos participantes. Desta forma esse estudo seguiu as diretrizes definidas pela resolução da Comissão Nacional de Pesquisa (MS, 1996) e pelo Conselho Federal de Psicologia por meio da resolução 016/2000, a qual normaliza o estudo com seres humanos no âmbito da pesquisa psicológica. Considerando-se a importância de tal resolução e dos aspectos éticos envolvidos na produção do conhecimento científico, o

presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa desta universidade. Além disso, o termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi empregado a fim de informar aos participantes sobre os objetivos e os procedimentos do presente estudo, bem como garantir o sigilo e a confidencialidade dos dados. O consentimento foi lido e assinado por cada um dos cônjuges.

No que se refere a seus riscos potenciais, este estudo foi considerado como de risco mínimo por eliciar lembranças mobilizadoras de ansiedade. Assim sendo, teve-se o cuidado de que a aplicação de todos os instrumentos fosse feita por um profissional psicólogo, que pudesse avaliar o impacto exercido pela pesquisa sobre os participantes e tomar as medidas consideradas necessárias.

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de preservar a confidencialidade e privacidade dos participantes os seguintes resultados não serão apresentados: características gerais da família, impressões transmitidas durante entrevista; a análise do acesso ao *script* de base segura individual dos participantes e a análise de conteúdo da entrevista sobre indicativos de apego do casal.

3.1 Discussão do casal 01: Ana e Claudio

Nesse casal, ambos apresentaram acesso ao *script* de apego seguro, sendo que o escore do marido foi um pouco superior ao da esposa. Esses resultados são relacionados na literatura, à capacidade de confiar, dar e receber apoio e motivação para cuidado de si e da família (Byng-Hall, 1995; Grossmann & Grossmann, 1991/2005; Grossmann, et al., 2005; Sherry, et al., 2007). De fato, em termos comparativos, dentre os casais participantes, este casal atingiu a maior média no escore que denota o acesso ao *script* de base segura. No entendimento dos indicativos de apego compartilhado, o relato do casal explicita que sua prioridade atual reside mais em sua vida como família e como parceiros parentais, do que como parceiros conjugais. Na literatura há evidências fornecidas por diversos estudos de que as características de crianças com necessidades especiais tendem a necessitar um ajuste familiar muito maior do que outras famílias, o que pode deixar o subsistema conjugal vulnerável (Dunn, et al., 2001; Konstantareas & Homatidis, 1989; Siegel, 1996; Sifuentes, 2007; Sprovieri & Assumpção Jr., 2001).

Enquanto os parceiros descreveram sua experiência com o filho, suas vivências na família nuclear e com a família extensiva de forma rica, espontânea e detalhada, o mesmo não aconteceu em relação à vida conjugal. Este tipo de relato sugere uma aliança ou intimidade comunicativa (Féres-Carneiro, 1998; Wachelke, et al., 2004) no que tange aos aspectos familiares, significando que as necessidades de estruturação na família, portanto, são sentidas como prioritárias. A vida do casal é marcada pela organização em torno dos cuidados com o filho em detrimento de aspectos conjugais importantes, tais como intimidade, romantismo e espaço para o casal, o que também vem sendo demonstrado por outros estudos sobre autismo e família (Ex: Sifuentes, 2007). A sexualidade do casal também está afetada, pois conforme seus relatos, é algo agendado entre eles. A falta de espontaneidade na vida íntima do casal, a qual é restrita a algumas “oportunidades” e não aos desejos dos mesmos, torna esse casal ainda mais vulnerável à insatisfação conjugal.

Alguns autores ressaltam que a capacidade de excitação física ou sexualidade é um dos preditores de satisfação conjugal (Féres-Carneiro, 1998; Wachelke, et al., 2004).

De fato, percebeu-se uma clima de hostilidade “velada” presente na entrevista, especialmente quando se tratou das diferenças individuais. Isto pode estar relacionado a uma possível queixa conjugal e uma vulnerabilidade em sua aliança comunicativa, nesse aspecto. A segurança da relação, portanto, pode estar vulnerável no que tange a aspectos conjugais. Em certos momentos da convivência do casal essa vulnerabilidade parece afetar a capacidade de colaboração e cooperação também como parceiros parentais, ainda que individualmente possuam um *script* de apego seguro. Isso sugere que o estresse elevado e crônico seja uma vulnerabilidade à relação de casal, até porque o estresse ao mesmo tempo que tende a reativar o apego (Nichols & Schwartz, 2007), favorece a expressão de vulnerabilidades latentes (Belsky et al., 1995; Seligman & Darling, 2007), isto é, conflitos não elaborados.

Além das diferenças individuais, outras fontes de conflito conjugal citadas foram os momentos em que se depararam com problemas com o filho, tais como doenças e o período do diagnóstico, pois são momentos que demandaram muito do casal. Um estudo realizado por Oppenheim et al. (2007), sugere que a experiência emocional do diagnóstico de autismo do filho é vivida como uma perda, a qual requer uma elaboração. Assim, os pais necessitam realizar o processo de aceitação da natureza irreversível da perda e revisar o diagnóstico do filho de forma que consideram satisfatória. Isto porque o autismo é uma condição que afeta a vida dos portadores de forma crônica, gerando dificuldades desde a realização de tarefas consideradas simples até as interações recíprocas e na comunicação, aspectos muito afetados (Schmidt, Dell’Aglia & Bosa, 2007).

O casal possui um investimento no cuidado instrumental e afetivo na criança e na sua vida familiar e tendem a se apoiar no sentido das demandas não serem excessivas para um ou outro. O marido, no entanto, expõe claramente toda sua frustração pelas limitações do filho, tendo que equilibrar suas frustrações com a vontade de poder investir e cuidar desse filho. Pode se entender que uma síndrome como o autismo, a qual afeta as condições físicas e mentais dos portadores, sejam sentidas como frustrantes pelos pais. Além disso a grande demanda por cuidados é acompanhada por um alto nível de dependência dos pais e/ou cuidadores, talvez pelo resto da vida (Schmidt et al., 2007).

Já as diferenças nas características individuais de Ana e Claudio são apontadas como a maior fonte de conflito do casal. São trazidas frequentemente como crítica de um ao outro, do que advém réplicas frequentes e a tensão percebida, na entrevista. O respeito à individualidade parece ser prejudicado pela sensação de estresse e demandas elevadas.

Manter a distinção em relação ao parceiro é considerado um fator que se relaciona com a capacidade de estar próximo (Orbach, 2007). O relacionamento, de acordo com ambos, precisaria de mais tempo para eles, mas relatam que sempre dedicaram um pequeno espaço de tempo para o casal em detrimento do trabalho e do nascimento dos filhos. A vivência de ter um filho com autismo apareceu como um dificultador para o investimento na relação conjugal. Nos relatos do casal, no entanto, fica explicitado que essa era uma característica desde o início de sua relação como casal, a qual foi acentuada posteriormente. Na literatura encontra-se que o nascimento de uma criança deficiente pode acentuar questões pré-existentes, mas latentes (Seligman & Darling, 2007), tal como acontece nesse casal. Apesar dos conflitos, apresentam apoio mútuo no cuidado familiar e tem preocupação um com o outro, quanto ao bem estar e saúde física e emocional. A relação é marcada por ideias de construção, com projetos familiares presentes e futuro, como por exemplo, os de construir uma fundação e de dedicar mais tempo para eles, enquanto casal, e para seu lazer.

Os problemas em relação à família de origem ainda são bastante presentes, de forma a sugerir um grau ainda não satisfatório de desligamento emocional em relação a essas questões. Isso é especialmente percebido nos relatos do parceiro, o qual também expõe mais as frustrações que a esposa, na relação conjugal. O desligamento emocional em relação à família de origem é considerado importante para que o casal possa formar sua nova família (Bowen, 1991; Kerr & Bowen, 1988). Por outro lado, de acordo com Howe (1996), as relações entre parceiros envolvem a oportunidade de reviver e entrar em contato com sentimentos associados às suas experiências precoces de apego. Nesse casal, o marido traz suas preocupações em relação a suas vivências familiares, como preocupação em não repetir a falta de apoio e cuidado, especialmente no seu papel de pai. Teme repetir sua história familiar com a parceira, pois as queixas em relação ao pai são associadas às queixas em relação a ela. As escolhas de parceiros tendem a ser afetadas por essas experiências precoces nos relacionamentos (Weber, Selig, Bernardi & Salvador, 2006). No entanto, enquanto há pessoas que tendem a repetir o modelo aprendido em sua própria família, outras também quebram esses padrões. Isso é exemplificado, no caso de pessoas que sofreram rejeições e podem se tornar mais responsivas com seus próprios filhos ou parceiros. Além disso, buscar entender o relacionamento com os próprios pais, tal como é tentado por Claudio, pode auxiliar a identificar e quebrar padrões disfuncionais (Weber, et al., 2006).

A busca de autonomia também foi um fator presente nos relatos do casal, pois ambos possuem atividades individuais de sua preferência e relatam satisfação em relação a estas atividades. Não há um equilíbrio entre autonomia e proximidade no que tange ao

relacionamento conjugal, mas há em relação à vida familiar. Isso sugere haver um *script* de base segura familiar (Byng-Hall, 1995). No que tange ao *subscript* conjugal, há sensação de estabilidade e confiança (Marris, 1991/2005), mas a satisfação é um aspecto crítico. É possível que o acesso ao *script* de apego seguro esteja funcionando como uma proteção a esse casal, permitindo que trabalhem juntos a fim de cuidar da família, mesmo em uma situação de alta demanda e de frustração como ter um filho com autismo.

Os relatos acerca da tarefa de compartilhamento dos cuidados com o filho mostraram que Ana e Claudio tem um funcionamento harmônico nesse sentido. Buscam uma forma de dividir tarefas de um jeito que consideram justo, o que sugere uma capacidade de apoio mútuo entre eles. De acordo com Byng-Hall (1995/2001), o apoio mútuo em um modelo funcional compartilhado de base segura do casal é o de membros da família apoiando um ao outro a cuidar de seus membros. Nesse casal, ambos dividem responsabilidades com filhos, com a casa e as financeiras por acordo realizado entre eles. Esse arranjo do casal mostra-se diferente dos achados em casais com filhos de desenvolvimento típico (Araujo & Scalon, 2005; Jablonski, 2007; Monteiro, 2007) e também em casais com filhos com autismo (Schmidt, 2004; Sifuentes, 2007), nos quais há uma tendência ao modelo conservador, com nítida divisão em provedor financeiro (em geral o pai) e cuidador do lar e dos filhos (a mãe). Estudos vêm apontando a mãe como quem possui responsabilidade estável pelos cuidados diretos com o filho (Jablonski, 2007; Monteiro, 2007; Schmidt, 2004; Sifuentes, 2007), enquanto para o pai, essas tarefas são mais ocasionais.

Um aspecto a ser ressaltado é a percepção da importância do pai como modelo de identificação para o filho, não só como cuidador. Esses achados também são consoantes com outro estudo sobre autismo e família, no qual alguns pais referiam a importância da identificação do filho homem adolescente com eles (Schmidt, 2008). No estudo citado, o referencial paterno para formação da identidade masculina do filho adolescente foi priorizado em famílias cujo filho com autismo não apresentava comportamento agressivo. Quando este possuía comportamento agressivo, a ênfase do papel paterno estava limitada ao controle desses comportamentos agressivos.

Esse casal mantém um espaço de flexibilidade no seu dia-a-dia, de acordo com o cansaço de cada um, desde que as rotinas permaneçam estáveis. Essa disposição de flexibilidade sugere uma capacidade de negociação existente entre eles e de apoio um ao outro no sentido dos cuidados com a família. Na literatura (Bretherton, 2005; Crowell & Treboux, 2001), encontra-se que os modelos operacionais compartilhados de

relacionamentos de apego entre parceiros requerem essa capacidade de dar e receber mútuo. Também requerem uma maior facilidade para negociação recíproca dos conflitos.

A flexibilidade em suas negociações também se mostra presente quando certos detalhes são decididos no dia-a-dia de acordo com o tempo disponível de cada um, da importância da convivência familiar e da necessidade da identificação do filho com o pai. A rotina estruturada, no entanto, os faz sentir escravizados ao relógio. A solidariedade, um aspecto do apoio mútuo (Byng-Hall, 1995/2001) e da reciprocidade (Crowell & Treboux, 2001; Fisher & Crandell, 2001) se fez presente quando um percebe o cansaço do outro. Também foi presente nas práticas educativas com os filhos, quando um evita ser intrusivo em relação às decisões do outro e tenta apoiá-lo. Ao mesmo tempo, essas práticas também foram vistas como fonte de antagonismo, principalmente no que tange às suas diferentes características. Essa incongruência deve-se ao fato de que ao mesmo tempo em que mostraram se apoiar em relação às vivências de dificuldades, criticam-se mutuamente pelas formas de lidar com estas, quando não estão em situação de estresse. Na teoria do apego, no entanto, a capacidade de se oferecer como figura de apego ou de usar essa figura é ligada a momentos de perigo ou estresse (Bowlby, 1969/1997). Na época do diagnóstico, por exemplo, quando o marido se deprimiu, a esposa ao perceber isso, sentiu que ela tinha que estar forte, oferecendo-se como uma base segura para ele. Como casal, percebem-se crescendo, pois descrevem estar aprendendo e evoluindo com o passar do tempo como parceiros parentais. Além disso, mostram o reconhecimento da importância de respeitar o parceiro no seu papel parental.

A divisão de tempo pelo casal não é igualitária, mas é considerada justa. Conforme Feinberg (2002), na área da coparentalidade, essa satisfação com o acordo estabelecido pelo casal mostra-se mais relevante do que a divisão objetiva das tarefas. O sucesso e satisfação na organização das rotinas sugere também características de personalidade orientadas no sentido da organização, controle e um jeito metódico por parte de ambos. Nesse casal, a esposa, por características individuais, exerce um papel de líder na organização familiar, bem como no andamento da entrevista. Revela uma ansiedade por estabelecer um andamento adequado e sob controle em várias situações de sua vida. Essa acaba por ser uma característica marcante na dinâmica do casal e de modo geral, da família. Essa organização e estrutura também é uma necessidade das pessoas com autismo (Gillberg, 2005), pois um ambiente favorável às pessoas com autismo tende a ser um ambiente estruturado e calmo, onde todos saibam o que é esperado deles, com meios apropriados de se comunicar e onde as pessoas têm informações sobre o assunto (Gillberg, 2005). Ana, por suas características, tende a usar com o filho mais estratégias de ação

direta (Schmidt et al., 2007) do que Cláudio, isto porque tende a emitir comportamentos dirigidos mais diretamente ao que quer resolver.

Nessa categoria também aparecem conflitos devido à forma de lidar com as diferenças individuais. Os relatos mostram que eles têm ritmos diferentes (ex. ele se descreve como mais lento e ela, mais ansiosa). O marido entende que mesmo de uma forma diferente, atinge bons resultados e que a esposa tende a fazer as coisas de uma forma ansiosa, às vezes apressando as coisas. Percebem que buscam atingir os mesmos fins, mas divergem sobre as formas de fazer isso. As diferenças são por vezes, vistas por eles, ora como enriquecedoras, ora como conflituosas. A presença de conflitos não significa a existência de um apego seguro ou inseguro como casal, mas é comum quando os casais estão tentando equilibrar interesses individuais e compartilhados (Vincent, 2001).

A forma de lidar com as diferenças, mais do que a existência dessas, é um aspecto crítico na vida desse casal, portanto não são as suas diferenças individuais, mas a forma de resolução dos conflitos que faz mais diferença. Como referido, uma maior facilidade para negociação recíproca dos conflitos é um aspecto importante a ser avaliado no modelo operacional compartilhado de relacionamentos de apego de um casal (Bretherton, 2005; Crowell & Treboux, 2001), o que sugere uma vulnerabilidade na relação de apego existente entre os parceiros.

A divisão de tarefas mostra uma capacidade de empatia, pois conseguem colocar-se no lugar do outro, como por exemplo, quando a esposa relata que ela sabe como é pesado para quem tem uma jornada de trabalho integral como o marido. Existe uma clareza e expressão acerca da sua disponibilidade enquanto parceiros parentais, o que sugere que se reconhecem como uma figura de apego (Bowlby, 1969/1997). Contam um com o outro e discutem formas de tornar isso funcional. Na teoria de Bowlby (1982/1997), um aspecto relevante é a capacidade de reconhecer uma figura de apego, caso ela exista, e de fazer uso dela na necessidade.

O compartilhamento das tarefas familiares na relação é marcado pela colaboração e cooperação, as quais são estratégias importantes para o *script* de solução de conflitos de problemas (Byng-Hall, 1995) de um casal. O cuidado com o filho com autismo e a convivência familiar foram expostos como uma prioridade na vida deles. Sentem que atingem esses objetivos de forma satisfatória, o que sugere um indicativo de uma base segura familiar (Byng-Hall, 1995). As combinações têm um funcionamento satisfatório em sua avaliação, mas são marcadas por conflitos difíceis de resolverem entre eles quando se trata das diferentes formas de lidar com os filhos, momentos em que o clima de hostilidade tende a se manifestar durante a entrevista.

Em alguns relatos, especialmente no caso da esposa, esta se descreve mais ansiosa e intrusiva quando o marido faz as coisas de um jeito diferente do que ela considera eficaz, geralmente diferente do jeito do marido. As divergências na forma de ser e lidar com as situações são relacionadas por eles às vivências em relação à família de origem. De fato, as interações da infância têm sido vistas como base para posteriores relações com pares e familiares (Grossman, et al., 2005, Sroufe, et al., 2005). Os conceitos do que consideram respeito e limite parecem ser diferentes e relacionados às suas vivências infantis.

As experiências de ambos com as famílias também são relatadas como um ponto que marca o que querem fazer o que não querem em sua família nuclear. De acordo com Byng-Hall (1995), os *scripts* de apego de um casal são influências importantes no ciclo vital, como base tanto para repetição como para mudança. Nesse casal, o modelo do marido é de uma família descrita como rígida e pouco afetiva, especialmente o seu pai. O modelo da esposa é de uma família rígida e mais afetiva, especialmente a sua mãe. A transmissão das vivências em relação à família de origem vem sendo conhecida como *script* familiar. Para Byng-Hall (1995), os *scripts* replicativos são as experiências familiares recriadas na próxima geração, enquanto os *scripts* corretivos são baseados em experiências, talvez desconfortáveis, quando as pessoas tendem a fazer o oposto do que viveram na infância. Quanto à educação dos filhos, os *scripts* corretivos parecem ser os mais usados pelo marido e os replicativos pela esposa.

Por outro lado, enquanto parceiros parentais, o entendimento das práticas educativas revela também aspectos de antagonismo. Pelos relatos do marido, a esposa deseja estabelecer o que ele chama de um “regime militar”. Pelos relatos dela, o marido aparece como permissivo. Ele reclama da forma que ela impõe os limites, dizendo que o filho é um ser humano. Nessa situação, pode se perceber que enxerga a esposa como seu pai rígido e ele implicitamente reclama que quer se sentir um ser humano, se identificando com o sentimento que atribui ao filho. Expressões tais como não ser um *cachorro* para ser treinado, ou não ser um *robô programado* mostram o quanto as características da esposa despertam irritação nele. Para a esposa, no entanto, esses limites são importantes, pois marcam a capacidade de convivência em sociedade, ao mesmo tempo em que aposta na potencialidade e autonomia do filho. Aqui, novamente se percebe a presença dos *scripts* de apego do casal (Byng-Hall, 1995) acerca das expectativas dos papéis parentais na educação dos seus filhos e das influências das vivências na família de origem na sua visão sobre a família que querem ter, seu *script* familiar.

Expressões técnicas são presentes no relato, especialmente da esposa (ex: manejo, manejo orientado pela fala, verbalizar, explorar potencial) através das quais ela explica

suas formas de pensar e agir. Já o marido mostra-se mais irritado em suas queixas em relação à esposa. Além disso, apresentam uma divergência em diversos aspectos nos quais o marido expõe suas queixas e frustrações e ela, como um contraponto, expõe as potencialidades (ex: em relação ao filho e ao casamento).

Ambos comunicam seus sentimentos, discutem sobre suas divergências, mostram suas críticas e na opinião deles, vem fazendo evolução nesse sentido, portanto pode se entender que trabalham compartilhando aspectos relacionados ao filho e ao cuidado familiar em geral. Um usa o outro como uma base segura (Bakermans-Kranenburg, 2006; Byng-Hall, 1995), pois apesar das diferenças, críticas e conflitos, confiam um no outro para estar lá nos momentos que precisam. O marido mostra-se preocupado em não repetir as vivências que teve com sua família, buscando desenvolver os *scripts* corretivos (Byng-Hall, 1995), através de suas vivências. Ao mesmo tempo, escolhe uma parceira que tem as características de rigidez e controle que ele combate no pai. A esposa, por sua vez, mostra-se mais confortável no seu papel de líder e de controle, admitindo, no entanto, que algumas características do parceiro auxiliam-na a lidar com situações de uma forma não tão rígida. Essa situação, embora se revestindo de conflito, em alguns momentos, revela também uma natureza de complementariedade nesse casal.

As principais formas de resolução dos conflitos foram a evitação, o diálogo, o aumento da tolerância e a busca de informação e busca de psicoterapia para eles. O marido, ao mesmo tempo que busca evitar os confrontos, durante a entrevista mostrou uma atitude de enfrentamento da situação. Pode se entender que a evitação descrita seja uma forma de lidar com sentimentos hostis (ex: irritação). Já a esposa, reconhecida no casal como a “explosiva”, mostrou evitar suas características agressivas, através da racionalização durante a entrevista (ex: uso muito frequente de termos técnicos).

O diálogo se faz presente, mas geralmente apareceu na entrevista como a esposa dando orientações para o marido na tentativa que ele agisse como ela. A percepção de que tende a querer impor seu jeito de lidar faz com que busque frequentemente ser mais tolerante e paciente. O esforço da esposa em se afastar de casa às vezes, sugere que apesar de ter medo que a família “não ande sem ela”, ela apresenta uma confiança que, na realidade, esta anda e é reassegurada pelo parceiro nesse sentido. O respeito é reconhecido como importante e tentam colocar em prática, apesar de alguns momentos de intrusividade, principalmente por parte da parceira. A busca de informação mostrou-se uma forma de lidar que tranquilizou muito o casal em relação ao filho. Além disso, houve o reconhecimento de que viveram uma situação muito pesada no período do diagnóstico do filho, o que os fez buscar uma psicoterapia. Esse reconhecimento pode estar ligado a sua

função reflexiva (Steele & Steele, 2005) presente nos membros do casal. Para esses autores, a função reflexiva é importante para comunicação e elaboração das vivências e está presente no apego seguro. A sensação de auxílio por parte de amigos e familiares com informações foi sentida de forma positiva, pois despertou no casal sentimento de serem cuidados por essas pessoas e de empatia dos demais para com eles. Essa sensação, no entanto, não se manteve na relação atual com familiares, pois é marcada por sentimentos de falta de reciprocidade, no que eles descrevem como uma via de mão única.

Na categoria referente às características individuais dos parceiros, nas percepções descritas de um em relação ao outro, um atributo muito valorizado foi a dedicação a família e ao papel parental, o que é coerente com sua ideia de maior investimento como parceiros parentais do que conjugais. Os atributos negativos citados referiram-se principalmente a características de personalidade ou temperamento do parceiro (ex: exaltação da esposa x passividade do marido). Esses mesmos atributos, no entanto, não necessariamente são valorizados negativamente em si, o que intensifica os conflitos.

As queixas sobre a esposa aparecem especialmente de forma explícita e implícita no discurso do parceiro (ex: não posso me queixar, consegue às vezes chegar a acordos). As características de organização e determinação da esposa são reconhecidas por ambos e valorizadas como positivas para o casal. As queixas da esposa também mostram-se explícitas e implícitas, pois atribui pesos tais como bom marido, ótimo pai. De fato essas colocações mostram a valorização mútua de ambos no papel parental, apesar de suas diferenças e a frustração de ambos no papel conjugal. O marido ainda relata que mais crítico do que a opinião da esposa sobre ele, é a forma que ela diz. O principal atributo negativo citado a respeito de Claudio é a passividade deste. Ao mesmo tempo essa característica é vista como importante para equilibrar a pressa da esposa.

De acordo com o marido o que gera mais conflito na relação do casal é a forma como Ana critica o jeito que ele lida com os filhos. Na opinião dela, o que gera mais conflito é a passividade do marido. Ao mesmo tempo, existe a percepção de que eles se complementam nas diferenças, ou seja, que não é ao acaso que se escolheram. A relação pode, nesse sentido, ser vista de forma complementar.

De forma coerente com o marido, a esposa se descreve como auto confiante, prática e por outro lado, incisiva e explosiva. O marido se descreve como alguém estressado e metódico, pois não gosta de fazer várias coisas ao mesmo tempo e nem de ser cobrado disso. Ademais, relata sua intensa frustração quando as coisas saem diferente do que esperou. Nesse sentido, diversas vezes durante a entrevista manifestou a frustração pelo fato do filho não responder como ele esperava. Embora as pessoas com autismo

experimentem as emoções, elas mostram pouca habilidade em comunicar seus sentimentos para os demais (DSM IV-TR, 2002; Scheuer, 2002). Isso ainda pode ser acentuado pelo fato do “filho problema” ser um filho homem, tendo em vista as identificações pai/filho.

Na categoria da percepção do filho, este foi descrito através de características pessoais, ou seja, de personalidade e através de características do autismo. Uma fonte de estresse para os parceiros nesse sentido foi o diferenciar o que é característica de personalidade e o que é do autismo, especialmente por parte do pai, que parece se questionar mais nesse sentido a fim de decidir como manejar o filho. Assim sendo, o casal apresenta dúvidas se alguns comportamentos do filho são de fato devido ao autismo ou se decorrentes do ambiente. Além disso, a esposa, como em outros momentos, ressalta mais as potencialidades e o marido mais os comprometimentos. A repetição dessa situação durante a entrevista sugere que isso faz parte da dinâmica do casal, mais do que dirigido a uma situação específica. A dificuldade de entender o filho foi descrita de forma angustiante pelo marido, o medo de ser sentido pelo filho como um pai incompetente ou como ele refere, *burro*, para entender-lhe. Isso retrata uma vulnerabilidade na sua sensação de competência parental, o que não foi observado na esposa.

O casal percebe que seu trabalho conjunto vem auxiliando na evolução positiva do filho, que atualmente conta com maior autonomia, é capaz de verbalizar algumas poucas palavras e tem noção de perigo. A pouca interação mostrou-se um aspecto frustrante, especialmente para o pai. Já para a mãe, esse aspecto é descrito com o filho sendo uma incógnita que ela crê que pode decifrar. O casal apresenta um grau de sucesso que consideram satisfatório na sua forma de manejar o estresse de ter um filho com autismo, conseguindo reconhecer essa criança para além do autismo.

Enquanto parceiros parentais o casal possui conflitos que foram explicitados e discutidos por eles, o que sugere uma boa função reflexiva de sua parte. Apresentam apoio mútuo em relação aos cuidados familiares e tem confiança um no outro nesse aspecto, mesmo com conflitos marcados por suas divergências. O casal, portanto, tem um funcionamento satisfatório enquanto parceiros parentais, mas não investido igualmente enquanto parceiros conjugais. A existência de uma base segura não implicou em satisfação conjugal, no momento presente, mas se relacionou à satisfação familiar e como parceiros parentais. Contudo o casal foi capaz de colocar em perspectiva a questão conjugal, planejando mais tempo para eles no futuro. A presença de um indicativo de acesso ao *script* de base segura (Bakermans-Kranenburg, 2006; Byng-Hall, 1995) nos parceiros pode estar auxiliando esse casal a trabalhar conjuntamente nos aspectos avaliados por eles como prioritários.

3.2. Discussão Casal 02: Jorge e Paula

O casal apresentou escores individuais que indicam a falta de acesso ao *script* de base segura, o que pode ser interpretado individualmente como um padrão de apego inseguro por parte de ambos. Individualmente, os escores de acesso ao *script* de base segura nesse casal, foram a média mais baixa dos casais entrevistados. Durante a entrevista observou-se um casal distanciado, mostrando-se ressentido por um lado enquanto o outro mostra-se despreocupado com relação a isso. A percepção imediata do entrevistador foi que, enquanto casal, eles pareciam extremamente desamparados. Nas diversas categorias referentes ao compartilhamento enquanto parceiros parentais e conjugais, o casal apresenta conflitos e dificuldades para sua resolução, com poucos recursos nesse sentido.

Em termos conjugais, os relatos dos parceiros trouxeram como fontes de conflitos suas discordâncias pelas diferenças individuais em relação à casa, ao filho e a eles. Isso indica novamente a falta de uma aliança comunicativa do casal (Féres-Carneiro, 1998; Wachelke, et al., 2004). A individualidade é quase inexistente na vida da esposa. Não relata atividades que lhe gerem satisfação e nem a existência de amizades. Isso é acompanhado de sentimentos de frustração e de ressentimentos em relação ao marido. Na vida do marido, a individualidade é relacionada a oportunidades de trabalho, especialmente quando viaja, pois tem tempo também para dedicar a si. Além disso relata ter alguns amigos.

A vida íntima é descrita como um problema, algo que está *por um fio*. Relatam falta de privacidade e que não têm tempo um para o outro. Isso é entendido pelo casal como devido a necessidade de prestar atenção quase que integral ao filho, ao estresse que vivem e ao fato do marido estar pouco em casa. Percebem esse aspecto conjugal como algo insatisfatório em suas vidas. Além disso, em termos de convivência social também há pouco espaço para o casal, até porque, não sentem se auxiliados por outras pessoas, com exceção do outro filho e de uma tia.

As queixas deles são frequentemente relacionadas a falta de autonomia ou condição de resolver, mostrando sua sensação de impotência na resolução de conflitos. Outras questões críticas descritas para a vida conjugal foram certos momentos de vida quando sentem uma demanda muito grande, tais como outras doenças do filho, o período do processo diagnóstico, questões comportamentais do filho ligadas as suas fugas de casa e a falta de entendimento dos demais acerca dos problemas de autismo do filho. Tendem a explicar grande parte de seus problemas pelo autismo do filho. O autismo vem sendo reconhecido como um grande estressor familiar (Dunn, et al., 2001; Schmidt, 2004, Siegel,

1996; Sifuentes, 2007; Spovieri & Assumpção Jr, 2001), mas os estudos sobre família de crianças com deficiências vêm mostrando que a existência da deficiência de um filho tem um grande impacto no casamento, amplificando o que ocorre quando o casal que não vive essa situação (Seligman & Darling, 2007). Ademais, o estresse também é uma forma das vulnerabilidades se realizarem (Siegel, 1996). Além disso, estudos encontraram evidências de que famílias disfuncionais tendem a se organizar em torno de uma situação crônica (Spovieri & Assumpção, 2001), como o autismo. Focar na deficiência da criança como a fonte de problemas familiares, permite a alguns casais se distanciar de questões de seu relacionamento (Seligman & Darling, 2007).

O equilíbrio entre a intimidade e proximidade com a autonomia e individualidade é um indicativo da existência de uma base segura na relação de um casal (Bowen, 1988; Byng-Hall, 1995; Kerr & Bowen, 1988; Orbach, 2007). Nesse casal, tanto a individualidade quanto a proximidade estão prejudicadas, portanto, um indicativo de pouca base segura nessa relação (Byng-Hall, 1995). A regulação emocional, uma das finalidades do apego, aparece enquanto cada um negocia as necessidades humanas de explorar o mundo (autonomia) e manter íntimo contato com os outros significantes (relacionamento) (Steele & Steele, 2005).

A divisão de tarefas entre os parceiros se mostrou desigual. Paula relata uma sobrecarga com os cuidados com o filho. Assume a responsabilidade estável, enquanto o marido colabora com um auxílio ocasional. A responsabilidade direta com um filho com autismo e a sensação de desamparo têm sido vistos como fatores que aumentam o risco de crise e estresse nas mães (Milgram & Atzil, 1988). As pesquisas vêm mostrando que as mães tendem a ser as principais responsáveis pelo cuidado integral com o filho portador de autismo, justificando porque muitos dos estudos sobre estresse e depressão familiar enfocam as mães (Bosa, 2001 ; Schmidt, 2004; Trevarthen, 1996). Essa característica de frequência quase que exclusiva das mães está em consonância com estudo de Schmidt (2004) e Fávero (2005) de que as mães tendem ser as principais e às vezes únicas cuidadoras, podendo sentir uma sobrecarga de responsabilidades no cuidado com o filho autista.

Além de Paula se sentir sozinha com as responsabilidades em relação ao filho, este tem o costume de fugir, o que lhe faz permanecer ainda mais alerta. A literatura sobre autismo corrobora essa necessidade de estar muito atenta, pois mostra que a falta de sinalização adequada dessas crianças impele o cuidador a se manter muito alerta, a fim de compensar essa falta (Bosa, 2002). Quanto à divisão entre responsabilidade estável e auxílio ocasional com base no gênero, vem sendo descrita como frequente tanto em casais

com filhos de desenvolvimento típico (Jablonski, 2007; Monteiro, 2007; Monteiro, Veríssimo, Castro & Oliveira, 2006) quanto em casais com filhos com autismo (Schmidt, 2004; Sifuentes, 2007). Os estudos revelam que em relação ao cuidado com os filhos, existe um aumento da participação do pai, mas mantém sua característica de subsidiariedade e complementariedade (Araújo & Scalón, 2005; Jablonski, 2007).

Eles fazem a negociação do compartilhamento de tarefas parentais baseado no tempo livre que cada um tem quando está em casa. Isso torna a negociação assimétrica, tendo em vista que a esposa não trabalha fora enquanto o marido tem um atividade profissional como autônomo e viaja com frequência. Quando o marido está em casa, auxilia a esposa principalmente quanto à disciplina com o filho, aspecto no qual se percebe mais efetivo do que ela. Além disso, o marido relata participar de momentos lúdicos com o filho. Esse tipo de atividade relacionada ao brincar é frequente e importante na relação pai/criança (Monteiro, 2007). Dados da ONU sobre pesquisas, incluindo a população brasileira, no entanto, sugeriram que a resistência dos homens a participar dos cuidados pode ser um mito ou mal entendido, mas mesmo assim, os homens vêm sendo mais envolvidos com as atividades recreativas dos filhos e brincadeiras do que nos cuidados de rotina, tais como banho e alimentação (Barker, 2008).

Jorge participa principalmente como provedor financeiro da família. Esse tipo de auxílio, é considerado como um cuidado indireto (Schmidt, 2008). A principal sensação descrita, em relação à divisão de tarefas, como parceiros parentais, foi de frustração. Enquanto a esposa sente-se frustrada porque não pode dividir isso com o marido de forma que considere justa, ele relata sua frustração de não poder pagar alguém para auxiliar Paula e de não confiar em alguém para tal. Percebe-se que nesse sentido, a aliança comunicativa (Féres-Carneiro, 1998; Wachelke, et al., 2004) é um aspecto vulnerável da relação, pois é como se falassem linguagens diferentes. Isto pode ser visto, por exemplo quando ela solicita a presença dele e ele entende que resolveria isso se pudesse pagar alguém que o substituísse quando ela está sobrecarregada ou precisando de algo. Além disso, ele entende que a esposa se estressa muito ligeiro. Os relatos sugerem que o apoio mútuo (Byng-Hall, 1995/2001) não se mostra satisfatório no casal, pois não contam um com o outro de forma recíproca. Essa falta, portanto, não significa que não haja apoio ou auxílio, mas que ele não é marcado pela mutualidade. Na literatura sobre apego é ressaltado que uma das funções do apego é exatamente o desenvolvimento da capacidade de dar e receber apoio (Bowlby, 1969/1997; Grossman & Grossman, 1991/2005; Marris, 1991/2005; Mikulincer, et al., 2002; Weiss, 1991/2005). Em termos da dinâmica do casal, percebe-se que não entendem os sinais da necessidade do outro, o que se manifesta também como falha na aliança

comunicativa (Féres-Carneiro, 1998; Wachelke, et al., 2004) do casal. A falta de reconhecimento dos sinais um do outro é um indicativo de um apego inseguro como casal (Byng-Hall, 1995) e individual (Bowlby, 1969/1997).

Os principais momentos de solidariedade e apoio relatados foram no cansaço da esposa. Nesses momentos, o marido, quando presente, tende a assumir o cuidado do filho. As propostas para lidar com as situações de conflito não são baseadas na realidade imediata do casal e nem nas queixas (ex: se tivesse dinheiro, levava ela pra viajar). Isso evidencia poucos recursos para lidar com as situações críticas de forma satisfatória para eles e uma falta de segurança no apego. A forma de resolução e negociação dos conflitos é um dos indicativos de apego compartilhado em casais (Bretherton, 2005; Crowell & Treboux, 2001).

As situações de antagonismo são marcantes nas práticas disciplinares do filho. O casal tem entendimentos diferentes sobre as mesmas questões. O que ele entende como respeito, ela relata entender como medo. Além disso existe uma ideia de competição, de fazer melhor que o outro, tirando o foco de fazer o que seja melhor na relação com o filho e de fazer algo da educação em conjunto com o(a) parceiro(a). Alguns dos fatores que vem sendo apontados como minando a segurança familiar estão presentes nesse casal, tais como estresse elevado ou necessidade na família. Para Byng-Hall (2002) nesses momentos pode haver uma perda de prioridade dada à criança, principalmente quando os cônjuges se vêem como ameaça e não como fonte de apoio.

Outra divergência marcante foi a ideia de auxílio que o marido tem, intervindo no momento que Paula está lidando com o filho, o que sugere uma intrusividade de sua parte. Além disso, relatam não existir diálogo entre eles, pois não conversam sobre essas questões, mostrando novamente a falha na aliança comunicativa (Féres-Carneiro, 1998; Wachelke, et al., 2004) como parceiros parentais. Isto fica marcante como algo da dupla, pois enquanto ele se mostra intrusivo, ela descreve sua posição passiva em relação aos desacordos com a forma do marido de educar o filho, se abstendo de trabalhar em conjunto com ele ou de negociar algo diferente. Esse tipo de estratégia da esposa envolve uma aceitação passiva de situações que envolvem estressores (Schmidt et al., 2007). Na base segura desenvolvida por um casal o suporte ao auxiliar o(a) parceiro(a) nesses relacionamentos de cuidado repousa na preocupação, interesse, tolerando evitar ser intrusivo, competitivo, brigar pelo poder e até tolerar ser deixado de lado e observar o que está acontecendo (Byng-Hall, 1995). Pelos relatos pode se observar a presença de intrusividade e competição na relação desse casal.

Entre as principais estratégias de resolução de conflitos descritas, estão a evitação e o aumento da tolerância. Ele tende a evitar as discussões saindo de casa e Paula, se abstendo de discutir divergências com ele. O aumento da tolerância foi relacionado à posição da esposa em relação às divergências com o marido e em relação ao comportamento do filho. Os *scripts* de solução de problemas e solução de conflitos (Byng-Hall, 1995) desse casal não são marcados por colaboração e sim pelo antagonismo existente na relação. Além disso a relação como parceiros parentais é descrita como marcada por pouca confiança (Marris, 1991/2005) e por competição entre os parceiros a respeito de quem está certo e quem está errado e como manejar o filho. Esses são indicativos de pouca base segura enquanto casal (Bakermans-Kranenburg, 2006; Byng-Hall, 1995; Cowan & Cowan, 2001; Fisher & Crandell, 2001).

As críticas em relação ao parceiro parental são entendidas como relacionadas às vivências na família de origem. No caso da esposa, relata que não conheceu o pai e tem uma relação pouco afetiva especialmente com as irmãs. Já na família do marido, as queixas se referem principalmente ao momento atual e vem desde o falecimento de seu pai, quando ocorreu um distanciamento familiar. Essas queixas de ambos são marcadas por ressentimentos e sensação de falta de apoio instrumental e emocional. No registro dessas vivências, o casal não trouxe lembranças agradáveis. As questões de transmissão geracional dos padrões de apego mostram que as capacidades de cuidar são relacionadas também as suas vivências com seus cuidadores. Na teoria de Bowlby (1969/1997) a vivência da infância com os cuidadores reflete-se na capacidade posterior de ter relações mutuamente gratificantes quando a oportunidade se oferece. A dificuldade de cuidar dos próprios pais vem sendo associada com relatos de distúrbios nos seus próprios relacionamentos de apego infantis (Byng-Hall, 1995; Cowan & Cowan, 2001), tal como é descrito pelo casal. Esses distúrbios no apego infantis são comuns em relatos de divórcios, mortes e separações longas dos pais, na infância.

A descrição realizada por eles, em termos de parceria nos cuidados com a família, sugere o uso de *scripts* replicativos na dificuldade de apoiar e cuidar em sua relação, pois a falta de cuidado e apoio que reclamam em relação a suas famílias se repete entre eles e também em alguns aspectos em relação ao filho, que por exemplo, não está na escola. Os *scripts* replicativos, na opinião de Byng-Hall (1995), não são *scripts* negativos, mas somente marcam a repetição de padrões muito semelhantes à família de origem.

Sobre as características individuais, Paula foi valorizada pelo seu esforço com o filho e como dona de casa. Já a descrição realizada a respeito do parceiro, mostra incoerências. Por um lado foi valorizado como bondoso e prestativo, mas por outro,

descrito como frio e distante. As queixas de Jorge em relação à esposa são de que é estressada e que tem suas crises em alguns momentos, mas isso foi visto como algo tolerável. Tanto a frieza dele, como as crises da esposa foram entendidas pelo marido como relacionadas ao peso da convivência com uma criança com autismo. Além disso, ele entende que a esposa se estressa assim pela falta de vivência de cuidado na família dela. Já em termos de autopercepção, constam nos relatos somente as do parceiro, se descrevendo como alguém fechado e boa pessoa.

As percepções do filho trazem aspectos referentes ao que consideram características pessoais deste, tais como ser carinhoso, agitado e cansativo. Também é descrito por características típicas do autismo, como tendo não só dificuldades para falar, mas também na comunicação e a falta de noção do perigo. O fato de não ser agressivo é sentido como um alívio por parte do casal. Também existe entre eles a dúvida do que é referente ao autismo ou não quando se trata da falta de tolerância do filho a algumas situações.

Quanto à rede de apoio, esta é considerada um aspecto importante na vida de um casal. Tanto a rede de apoio quanto a empatia existente entre os membros do casal são vistos como cruciais para minimizar os estresse deles (Siegel, 1996). O casal conta com uma rede de apoio limitada. Sentem-se auxiliados pelo outro filho e por uma tia paterna. Além dessas pessoas, a sensação é de que os demais não só não auxiliam, como tem preconceitos e falta de entendimento em relação ao autismo. Estudos revelam que o desconhecimento e as atitudes sociais negativas em relação ao filho são vistas como dificuldades enfrentadas frequentemente pelos pais de crianças com autismo (Jones & Passey, 2004; Schmidt, 2004), o que pode levar a situações onde o convívio com os demais pode estar restrito. Além disso, os pais de crianças com autismo tendem a não receber a mesma simpatia e entendimento do que aqueles com uma deficiência física ou uma outra condição facilmente reconhecível (Howlin, 1998). De acordo com essa autora, as reações negativas são ainda mais pronunciadas a medida que a criança cresce e os pais podem ser responsabilizados diretamente pelo comportamento inapropriado e inaceitável em público. Assim, o isolamento social e o estigma são encontrados com frequência, como no caso relatado. Nesse casal, a capacidade de busca de uma rede de apoio também mostra-se limitada, pois o filho não frequenta escola, seja especial ou regular, e eles revelam uma passividade em relação a isso, mantendo-se numa espera passiva de uma vaga em uma escola municipal.

Os diversos aspectos analisados nas diferentes categorias mostram que Jorge e Paula não parecem contar com uma base segura em sua relação, como parceiros parentais e como parceiros conjugais. De fato, isso pode explicar a sensação da entrevistadora ao

conhecer o casal, de que eles eram desamparados, pois estão também desamparados na sua relação.

3.3 Discussão do casal 03: Carla e André

Nesse casal, individualmente, o marido teve um escore que indica algum acesso ao script de base segura, enquanto a esposa não apresentou esse acesso, podendo ser considerado um padrão com tendências a ser inseguro. Como casal, no entanto, apresentaram indicativos considerados como de apego seguro, tais como uma capacidade de empatia um em relação ao outro e nos momentos difíceis conseguem estar um ao lado do outro atualmente. As investigações de Sroufe et al. (2005), mostram que as bases relacionais da segurança do apego incluem empatia e expectativas de mutualidade. Isso, no entanto, foi relatado como uma construção deles ao longo do tempo, pois no período do diagnóstico de autismo do filho, de acordo com eles, as coisas eram muito diferentes e o sentimento de solidão imperava. Numa perspectiva desenvolvimental do apego, Sroufe et al (2005), referem que a capacidade para um relacionamento romântico, de fato, parece envolver uma construção durante todo ciclo vital. Além disso, estudos vêm mostrando que apesar do senso de segurança do apego parecer ser geral, também é comum que as pessoas possam desenvolver crenças específicas em um relacionamento, organizadas com base na atual experiência com um parceiro específico, as quais não necessariamente se encaixam no senso global de segurança de apego (Mikulincer, et al., 2002), o que pode ser o caso desse casal.

Durante a entrevista percebe-se um carinho mútuo, com trocas de olhares e complemento das falas. São capazes de expressar a necessidade de conforto e contato e de receber isto. Existe reciprocidade (Bowlby, 1969/1997; Crowell & Treboux, 2001; Fisher & Crandell, 2001), pois tendem a responder as demandas do outro e se revezam no papel de cuidador um do outro também. Ao focar a importância das características do apego que um casal cria conjuntamente, Orbach (2007) entende que o relacionamento pode funcionar como uma plataforma, ou seja, como uma base segura para as pessoas. Além disso, o relacionamento ainda pode prover uma segurança suficiente para mitigar os efeitos de um apego individual inseguro.

Na categoria referente especificamente à conjugalidade, as principais fontes de conflito conjugal descritas por eles foram a forma como iniciou a história do casal, as diferenças individuais existentes entre eles, as desavenças familiares, o momento de processo de diagnóstico do filho e as questões financeiras. Em termos gerais, o casal apresenta uma boa aliança e comunicação (Féres-Carneiro, 1998; Wachelke, et al., 2004)

no que diz respeito às questões familiares e apresentam alguma motivação em relação às questões conjugais.

Quanto a sua história, o casal referiu que, desde o início do casamento, é uma família, pelo momento da primeira gravidez. Relacionam que em parte, a falta de romantismo desde aquele momento tenha sido em detrimento do cuidado com filhos. A chegada dos filhos tende a mudar a relação de um casal (Carter & McGoldrick, 2001), sendo que, na opinião do casal, houve pouco tempo somente para os dois.

As diferenças individuais citadas como fonte de conflitos foram o fato do marido ser mais quieto e a esposa mais explosiva. Uma das dificuldades é a queixa dela de não conseguir saber o que se passa com o marido devido ao seu silêncio. Essa forma do marido lidar envolve uma evitação (Schmidt et al., 2007). A queixa dele, é que quando ela explode não há como negociar ou conversar com ela. Ele considera ser fechado algo “normal” dele. Ela considera que ser explosiva é uma forma legítima de lidar com sua sobrecarga e ser ouvida. Essas diferentes interpretações dos fatos são relacionadas por eles as suas diferenças. Essas diferenças e as dificuldades de lidar com elas evidenciam, no entanto, falhas na sua aliança comunicativa como parceiros conjugais (Féres-Carneiro, 1998; Wachelke, et al., 2004). Mostram vontade de reparar essas divergências, explicitado pela esposa, mas com a anuência do marido, através de gestos de concordância e através de um convite para saírem no dia de aniversário de casamento, feito à esposa durante a entrevista. Tanto como parceiros parentais ou conjugais apresentam uma preponderância de relatos que indicam mais colaboração do que o antagonismo entre eles, ao buscarem se unir para lidar com as dificuldades. A colaboração é uma das estratégias usadas nos *scripts* de resolução de conflitos (Byng-Hall, 1995). A preocupação em não culpar o filho pelos desacertos conjugais, manifesta diversas vezes durante a entrevista, também pode ser considerada uma dessas estratégias. Ao mesmo tempo esse aspecto aparece com muita frequência no relato, o que sugere a presença dessa ideia constantemente. Essa tendência a se culparem é frequente em pais de crianças com autismo, até pela dificuldade de estabelecer a etiologia da síndrome (Seligman & Darling, 2007).

Foi relatada a falta de romantismo e uma angústia para sentir-se vivo, juntamente com a ideia de que não podem parar sua vida conjugal em função de ter um filho com autismo. As pesquisas envolvendo expectativas e crenças e satisfação conjugal encontraram que sujeitos com modelos seguros de apego tendem a acreditar no amor romântico e que o sentimento de enamoramento inicial pode, em alguns casos, nunca desaparecer (Hazan & Shaver, 1987). São também mais otimistas em relação ao casamento e relações amorosas (Carnelley & Janoff-Bulman, 1992). Além disso, sujeitos com

modelos de apego seguro tendem a avaliar de modo mais positivo os diversos aspectos das relações conjugais (Feeney & Noller, 1992).

Nesse casal, existem conflitos conjugais marcantes, mas conseguem manter uma expectativa, manifesta inclusive através das queixas, as quais conseguem ser manifestas juntamente com o carinho que sentem um pelo outro. Enquanto as queixas da esposa se referiram principalmente à falta de namoro e romantismo, ele queixa-se mais acerca da vida sexual deles. Quanto à segurança da relação enquanto casal, portanto, o casal se mostrou com expectativas de crescimento e ambos mostraram motivação para investir em sua vida conjugal, mesmo que com marcantes diferenças. Manter a capacidade conjunta de desejar é um aspecto importante no apego que um casal constrói em sua relação (Orbach, 2007) e nesse casal, parece haver espaço para melhorar isso na relação.

O fato de haver poucos momentos dedicados ao casal foi relacionado a motivos financeiros e preocupação com a situação com o filho. Esses motivos, no entanto não são compartilhados por ambos, pois a esposa acredita que isso não justifica um afastamento romântico deles, do que advêm certas queixas em relação ao marido. Tanto a capacidade de envolvimento romântico quanto a sexualidade vem sendo relacionadas ao sistema de apego presente nos indivíduos (Sroufe et al., 2005; Orbach, 2007).

As questões financeiras começaram a pesar mais depois do diagnóstico do filho. Houve um aumento de gastos e eles tiveram que se dividir em provedor financeiro e cuidador familiar, enquanto antes ambos tinham uma atividade profissional. De acordo com Bosa (2001), além da sobrecarga de tarefas (ex.: cuidados com a criança, responsabilidades com consultas e com a casa), a lista de espera para atendimentos, a despesa com diversos profissionais e o pouco espaço para cuidado pessoal e das suas relações são realmente aspectos que aparecem nos relatos desses casais com muita frequência.

Outra dificuldade que afetou a sua vida conjugal, de acordo com o casal, foram as desavenças familiares, as quais parecem estar relacionadas à saída dos filhos de casa. Inicialmente ela se referiu à saída da filha, mas o casal também relatou a dor por perceber que o outro filho também o fará. Isso os faz sentir solitários. Essa saída dos filhos é reconhecidamente um momento difícil na vida de alguns casais (Carter e McGoldrick, 2001) e faz parte do ciclo normal de vida familiar. No caso de famílias com crianças com autismo, os pais ainda se sentem perdendo importantes fontes de apoio nos cuidados com o filho com autismo (Gomes, et al., 2004; Semensato, et al., 2008). Isso ainda é acentuado pela baixa rede de apoio familiar relatada por este casal.

Dentre as principais formas de resolução dos conflitos na vida do casal citaram a necessidade de diálogos e acordos. Esta, no entanto, é uma aprendizagem que estão desenvolvendo. A negociação recíproca de conflitos é considerada aspecto fundamental do modelo operacional compartilhado de relacionamentos de apego de um casal (Bretherton, 2005; Crowell & Treboux, 2001). Outras formas de resolução dos conflitos foram a evitação das discussões e silêncio por parte do marido e por outro lado a explosão emocional por parte da esposa. Essas são características individuais descritas por eles e que nem sempre têm sido eficazes na resolução dos conflitos. Um aspecto importante descrito pelos parceiros foi a sensação da necessidade de um aumento da aproximação entre eles, para sua sobrevivência como casal e para melhor cuidar da família. Fazem isso ao enfatizar que um conta com o outro, como uma forma de solidarizar-se e de mostrar que não se está sozinho. Esta pode ser considerada uma forma de reciprocidade (Bowlby, 1969/1997; Crowell & Treboux, 2001; Fisher & Crandell, 2001) se desenvolvendo em sua relação. Essa necessidade que mostram é um indicativo de apego entre casais (Byng-Hall, 1995; Cowan & Cowan, 2001).

Pelos relatos do casal, não existe um bom equilíbrio entre individualidade e proximidade (Bowen, 1988; Kerr & Bowen, 1988) em sua relação. Buscam se aproximar, mas ao mesmo tempo a individualidade dele é considerada como um problema entre eles. Já a falta da individualidade por parte da esposa causa ressentimentos e mágoas nela. Isso foi relatado como algo existente desde o início do casamento, mas que foi acentuado após os problemas com o filho. A falta desse equilíbrio mostra uma vulnerabilidade nessa relação como uma base segura, pois causa conflitos não resolvidos entre eles, fazendo com que advenham disso mágoas acumuladas que também não são elaboradas. A existência de conflitos é esperada enquanto os parceiros estão buscando balancear os interesses individuais com os compartilhados (Vincent, 2001), sendo que os *scripts* de solução de problemas e conflitos são importantes na base segura que um casal possa se oferecer na relação (Byng-Hall, 1995). As estratégias para resolução desse tipo de conflito não tem se mostrado efetivas, porque mesmo com mudanças realizadas, a mágoa pelas vivências persiste e é reativada em diferentes situações.

Quanto à divisão de tarefas como parceiros parentais, existe uma tendência à rigidez nos papéis. O marido aparece mais ligado a um auxílio ocasional com o filho e como cuidador indireto (Schmidt, 2008), no seu papel de provedor financeiro da família. A esposa é o cuidador familiar, assumindo a responsabilidade estável com o filho. Em um estudo com famílias portuguesas, Monteiro, et al. (2006), constataram que, na perspectiva de mães e pais com crianças entre um e seis anos de idade que tinham desenvolvimento

típico, é quase sempre a mãe a responsável pela realização das atividades relacionadas com as rotinas de cuidados à criança, assumindo o pai um papel de suporte ou de ajuda quando é necessário. Mantém-se para os pais uma característica de subsidiariedade e complementariedade, apesar de que existem estudos (Araújo & Scalon, 2005; Jablonski, 2007) que mostram que os homens revelaram sua participação como mais intensa do que a revelada por mulheres.

Apesar de terem tempos disponíveis para o cuidado com o filho e responsabilidades financeiras diferentes, os parceiros relatam que a responsabilidade pela educação do filho deve ser a mesma para os dois, mesmo que as tarefas diverjam. Embora seja difícil para eles atingir isso, ambos corroboram esse ponto de vista, o que sugere uma expectativa positiva e de crescimento, dirigida para fins semelhantes, existente na sua relação como parceiros parentais. O apego dos casais é também observado através desse tipo de *script* compartilhado, ou seja, de suas expectativas e estratégias construídas para resolver os problemas da família (Byng-Hall, 2002). A capacidade de ter expectativas, bem como confiança e autonomia, são aspectos das representações mentais de apego (Byng-Hall, 1995; Crowell & Treboux, 2001; Grossmann & Grossmann, 1991/2005; Grossmann, et al., 2005; Sherry, et al., 2007; Waters & Waters, 2006).

Um dos aspectos envolvidos na base de negociação das tarefas parentais foi o estado de humor de cada um. De acordo com suas descrições, são capazes de perceber os sinais de quando o(a) parceiro(a) está prestes a uma explosão emocional ou sobrecarregado(a). Isso mostra um grau de empatia entre eles, um aspecto importante na capacidade de solidariedade e apoio mútuo (Fisher & Crandell, 2001). A empatia existente entre parceiros também é importante fator para minimizar o estresse vivido por um casal que tem um filho com autismo (Howlin, 1998). Em termos gerais, o reconhecimento dos sinais um do outro é um indicativo do um apego seguro em um casal (Byng-Hall, 1995; Crowell & Treboux, 2001, Fisher & Crandell, 2001) e individual (Bowlby, 1969/1997).

Os principais sentimentos relatados em relação à negociação foram de sobrecarga materna e mágoas de ambos e por outro lado, de reciprocidade e de uma tranquilidade pela sensação de uma evolução positiva do casal. O compartilhamento das tarefas familiares na relação é marcado mais pela colaboração do que pelo antagonismo no casal, por exemplo, quando percebem que tem de se unir para cuidar da família. A cooperação, colaboração e a negociação são estratégias importantes para a resolução de conflitos e elas fazem parte dos *scripts* de solução de problemas e de solução de conflitos (Byng-Hall, 1995).

A sobrecarga materna, tal como encontrado nesse casal, vem sendo relatada com frequência em casais com um filho com autismo (Schmidt, 2004). Além da sobrecarga de

tarefas, a lista de espera para atendimentos, as despesas com diversos profissionais, o pouco espaço para cuidado pessoal e das suas relações são aspectos que frequentemente aparecem nos relatos de pessoas que tem um filho com autismo (Bosa, 2001). As mágoas dos parceiros foram associadas nos relatos principalmente à sensação de falta de atenção em certos momentos de sobrecarga da mãe e, no caso do marido, de não ter atenção da esposa em detrimento de atenção excessiva aos filhos. Além disso, as mágoas explicitadas revelaram que em alguns momentos têm a sensação de não ser entendidos e não ter carinho suficiente um do outro. Apresentam noção de suas necessidades de dependência e das do parceiro, se bem que essas necessidades não sejam necessariamente satisfeitas. A necessidade de suporte e habilidade para usá-lo varia entre as pessoas. O estresse excessivo também pode neutralizar a percepção de suporte e levar a sentimentos de decepção, o qual pode reduzir o suporte disponível (Hansen & Jacob, 1992).

A presença de reciprocidade (Bowlby, 1969/1997; Crowell & Treboux, 2001; Fisher & Crandell, 2001) foi indicada pela sensação de que atualmente, podem um cuidar do outro e pela efetiva tentativa disso, mesmo com conflitos envolvendo esse aspecto. Nesse sentido também mantêm a expectativa de poderem se cuidar e apoiar mais reciprocamente enquanto parceiros parentais e principalmente como parceiros conjugais.

O nascimento do filho com autismo foi um marco que despertou a necessidade maior de atenção e cuidado por parte dos parceiros, bem como, com o tempo, acentuou a importância de sua parceria. Fisher e Crandell (2001), por exemplo, entendem que pode haver interrupções na vida do casal em diferentes momentos e situações, tais como desemprego, nascimento de um filho e doenças. No caso do autismo, como um estressor potencialmente grande na vida de um casal (Dunn, et al., 2001; Schmidt, 2004, Siegel, 1996; Seligman & Darling, 2007, Sifuentes, 2007; Spovieri & Assumpção Jr., 2001), isso facilita que haja interrupções nesse subsistema. Além disso, o estresse é um fator que tende a permitir que as vulnerabilidades se realizem (Siegel, 1996), amplificando as características do casal, caso não tivessem um filho com autismo (Seligman & Darling, 2007).

Esse casal com o tempo se organizou em relação ao filho nos momentos da necessidade, mas também relataram que a atenção e o cuidado dispensado aos outros dois filhos diminuiu muito. Um estudo com irmãos de crianças com autismo em população brasileira encontrou que essa menor atenção aos filhos com desenvolvimento típico é frequente nesses casos (Gomes et al., 2004). Esses autores referem que os pais podem ter uma elevada expectativa em relação aos demais filhos e não dirigir a eles a mesma atenção voltada à criança com transtorno. Embora exijam colaboração desses filhos, como é o caso, estão menos disponíveis e atenciosos com eles (Bradford, 1997; McHale, et al., Simeonsson

& Sloan, 1984). A capacidade de se oferecer como uma base segura para a família em geral diminuiu, com exceção do filho com autismo, que se tornou a prioridade devido a seriedade da condição desse.

Atualmente descrevem sentimento de tranquilidade por uma evolução positiva do filho e do casal. Relatam contar muito mais um com o outro e ter desenvolvido a capacidade de dialogar mais sobre as questões críticas. Com o passar do tempo também se perceberam capazes de refletir sobre isso e ver sob diferentes aspectos a situação. Isso os permitiu ser mais empático com o parceiro. Nesse sentido, Crowell e Treboux (2001) relatam que a preocupação de um parceiro com o outro não necessariamente fecha com o que o desejo que o outro expressa no momento de estresse. Assim sendo, é possível que um parceiro dê uma resposta apropriada e que não combine com o desejo do outro, mas seja empática e recíproca caso considere o bem estar do parceiro e da relação como um todo. A distinção entre saúde e falta de saúde na presença de conflitos parece ser a extensão na qual o conflito inevitável entre sentimentos de amor ou ódio, frequentemente dirigidos à mesma pessoa, são controlados, regulados e resolvidos (Steele & Steele, 2005). Além disso, pesquisas vêm encontrando que pessoas seguras tendem a continuar seus relacionamentos e a suportar melhor as dificuldades nos mesmos e, conseqüentemente, exibem menores taxas de divórcio (Monteiro, 2007; Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2008). Essa evolução é coerente com os relatos de solidariedade e apoio do casal principalmente em relação às dificuldades vivenciadas a respeito do autismo do filho. A sensação foi de terem alcançado um diálogo e entendimento e motivação a partir da necessidade de se unirem para enfrentar isso junto. A solidariedade é importante para o desenvolvimento de apoio mútuo (Byng-Hall, 1995/2001) e de reciprocidade (Crowell & Treboux, 2001; Fisher & Crandell, 2001) em um casal.

Já os relatos de dissonância e antagonismo dizem respeito a semelhantes questões, o que evidencia ainda a presença de conflitos no casal enquanto parceiros parentais. Foi descrito antagonismo nas práticas disciplinares, pois a esposa tem a sensação de que ela entende mais do filho que o marido, até porque se dedica mais a este. No estudo de Monteiro (2007) a respeito dos *scripts* de apego parentais, não foi encontrada nenhuma associação entre a participação do pai nas AVDs e o acesso ao *script* de base segura da mãe. Estas atividades por vezes, são vistas pelas mães como, essencialmente, da sua responsabilidade, esperando que o pai apenas ajude, quando necessário. Há indícios inclusive que um elevado número de mulheres parece estar satisfeita, não só com a extensão do envolvimento como, também, com o tipo de atividades nas quais os pais participam (Hochschild & Machung, 1989). No caso desse casal, por exemplo, a principal

queixa atual é a de maior atenção para com a esposa e reconhecimento do seu esforço, mais do que a falta de cuidados práticos com o filho.

Além do diálogo, já referido, as outras estratégias para enfrentamento de conflitos relatadas pelo casal foram a evitação, a modulação ou aumento da tolerância e a busca de informação/orientação. Os relatos do casal trazem a evitação como característica do parceiro, especialmente nos momentos em que a esposa está exaltada. Segundo ela, isso tende a piorar as coisas, pois se sente solitária. O aumento da tolerância também foi citado como uma estratégia usada pelo marido em relação à exaltação da esposa. Já a busca de orientação e informação, foi uma estratégia que auxiliou a reduzir a tensão do casal à medida que os auxiliou a entender características do filho que eram relacionadas ao autismo e o que é o autismo. A busca de informação vem sendo relatada como uma estratégia de sucesso utilizada por pais de crianças com autismo (Jones & Passey, 2004). Quanto à esposa, a principal forma descrita de lidar com os conflitos, além da busca do diálogo, foi a explosão emocional.

No casal, os principais atributos ressaltados como positivos foram a capacidade de ter calma e paciência um com o outro, a parceria e companheirismo e a força de batalhar e a qualidade como pai e mãe. Os relatos indicam a valorização mútua do papel parental, apesar de existirem frustrações quanto ao papel conjugal. A característica da esposa, de ser batalhadora e determinada, é reconhecida por ambos e valorizada como positiva para o casal. Já os principais aspectos negativos descritos foram o mau humor e o descontrole de ambos e momentos de pouca empatia em relação aos sentimentos da(o) parceira(o). Na autopercepção, os principais aspectos positivos citados foram a capacidade de perseverar e de aprender com a experiência, coerente com a percepção do casal acerca de seu crescimento conjunto. Os principais aspectos negativos foram o descontrole de ambos e a ansiedade da esposa. Os relatos do casal são coerentes a respeito do parceiro com os seus autorelatos.

Na categoria da percepção do filho, este foi descrito através de características pessoais, ou seja, de personalidade e através de características do autismo. Ambos ressaltam as potencialidades e os comprometimentos do filho, o qual é visto como alguém carinhoso, capaz de evoluir e que se relaciona com as pessoas de formas distintas, dependendo das características de cada relação, mesmo tendo características típicas de autismo. Na opinião de Bosa (2001), as pessoas com autismo prestam muita atenção a mudanças sutis (ex: tom de voz, expressão facial, pressão do toque), mesmo que não saibam interpretar o significado de toda essa gama de comportamento não-verbal e também são muito afetados pelos humores de seus cuidadores.

O filho também é visto como muito brabo, se frustrado. Novamente, uma fonte de estresse para os parceiros nesse sentido ainda foi o diferenciar o que é característica de personalidade e o que é do autismo. Assim sendo, este casal também apresenta dúvidas se alguns comportamentos (ex: crises de birra) do filho devem-se ao autismo, a uma característica natural do filho ou ainda ao manejo ou se são uma manipulação do ambiente.

O casal percebe que seu trabalho junto vem auxiliando na evolução positiva do filho, que atualmente conta com maior autonomia, é capaz de verbalizar algumas palavras, tem noção de perigo e é capaz de interagir com os demais, de forma carinhosa. Entendem também que entre eles e o filho a capacidade de comunicação melhorou, pois atualmente entendem melhor os sinais e solicitações deste. Isso indica que desenvolveram uma capacidade de antecipação frente às falhas de sinalização (Bosa, 2002) frequentes nas pessoas com autismo. O outro filho também foi visto como alguém capaz de um ótimo entendimento e manejo do irmão. Na época anterior ao processo diagnóstico, a menor interação do filho com autismo mostrou-se um aspecto frustrante para o pai, o qual revelou se sentir rejeitado por este. A forma como a família entende o comportamento é fundamental na sua forma de lidar com este. Bosa (2001) relata, por exemplo, que julgar que o filho autista fica alheio diminui a motivação para se aproximar e de investir em seu potencial. No caso, enquanto o pai não tinha noção dos problemas do filho, sua motivação para se aproximar foi muito afetada por sua interpretação como algo pessoal e dirigido a ele.

Portanto, assim como o casal 01, enquanto parceiros parentais, o casal 03, possui conflitos que foram explicitados e discutidos por eles, o que sugere uma boa função reflexiva de sua parte. A função reflexiva é importante para comunicação e elaboração das vivências e está presente no apego seguro (Steele & Steele, 2005). Apresentam capacidade de apoio mútuo (Byng-Hall, 1995/2001) em relação aos cuidados familiares e tem confiança (Marris, 1995/2001) um no outro nesse aspecto, mesmo com conflitos marcados por suas divergências. Enquanto parceiros parentais, um usa o outro como uma base segura (Byng-Hall, 1995), pois apesar das diferenças, críticas e conflitos, atualmente confiam um no outro para estar lá nos momentos que precisam.

Quanto à rede de apoio, o casal sente-se solitário para contar com outras pessoas, a não ser profissionais e em termos pessoais, o filho que auxilia nos cuidados. Relatam uma tristeza pela percepção de que chegou a hora dos outros filhos saírem de casa. Isso gera neles um sentimento de solidão maior, mas ao mesmo tempo fez com que percebessem o quanto precisariam estar unidos. A família extensiva foi vista como distanciada. Questionam-se, no entanto, sobre os motivos pelos quais tiveram uma perda tão

significativa de sua convivência social com amigos e parentes. Eles têm dúvidas se foram isolados em função das dificuldades do filho ou se eles se isolaram nesse momento. O isolamento social tem sido referido com frequência por pais de crianças com autismo (Cuxart, 1996). Resultados de estudo de Jones e Passey (2004) mostram que o isolamento foi relacionado pelos pais ao fato de que todos os demais querem dar um conselho diferente do que eles fazem. O apoio social informal (ex: familiares, amigos, vizinhos) mostra-se falho na vida de desse casal. Esse tipo de apoio constitui, no entanto, um fator protetor frente ao estresse dos pais de crianças com autismo (Cuxart, 1996).

Diante dos aspectos avaliados nesse casal, pode se considerar que, enquanto parceiros, há indícios da presença de uma base segura. Individualmente, apesar de um dos membros não ter escore de apego seguro, ambos possuem um funcionamento nessa relação específica que denota uma capacidade de dar e receber apoio e um senso de segurança na relação. Pode se entender que na presença de um membro com apego seguro na relação, isso tenha influenciado o funcionamento do casal como uma base segura para ambos. Os conflitos são existentes, mas a sensação de crescimento mostra sua capacidade de trabalhar juntos e sua motivação nesse sentido, protegendo-os enquanto parceiros e individualmente.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO GERAL

Inicialmente a literatura sobre autismo enfatizava mais as pesquisas da influência do comportamento dos pais sobre a criança (Bettelheim, 1967; Eisenberg, 1956; Rank, 1949). Atualmente ressalta-se a influência do comportamento da criança nos pais (Bosa, 2001; Hastings, 2002; Kim et al., 2003, Schmidt, 2004). Essa mudança de perspectiva foi responsável por um aumento significativo de interesse a respeito das influências recíprocas entre a pessoa com autismo e seus familiares. Nesse estudo busca-se verificar em termos individuais e compartilhados por um casal que fatores são facilitadores ou não nessa vivência. Para tal, buscou-se entender o apego enquanto fator individual e enquanto uma construção de um casal, tendo em vista que a função do apego é de garantir a sobrevivência física e psíquica do ser humano (Bowlby, 1969/1997). O senso de segurança do apego vem sendo identificado como uma variável muito importante ao explicar as variações na qualidade das relações de casais (Mikulincer, et al., 2002). No caso de casais com um filho com autismo, percebe-se que apesar do estresse eles são afetados de diferentes formas, de acordo com a quantidade e qualidade de apoio recebido, as características da criança e a empatia existente entre os parceiros (Bosa, 2001; Hastings, 2002; Howlin, 1998; Konstantareas & Homatidis, 1989; Schmidt, 2004). A competência desses familiares vem sendo relacionada ao nível de suporte conjugal disponibilizado pelos membros do casal que possui um filho com autismo, o quanto e como os cuidados são ou não compartilhados (Konstantareas & Homatidis, 1989). A partir dessas ideias buscou-se verificar aspectos envolvidos nesse suporte do casal enquanto parceiros parentais e conjugais, mais especificamente os indicativos de apego nesses domínios.

O apego entre os casais leva em conta as influências mútuas dos diferentes apegos na relação deles (Byng-Hall, 1995), portanto seus apegos individuais e o apego que formam em sua relação. Os principais indicativos utilizados foram os de apego individual e em casais encontrados na literatura sobre o tema, tais como o quanto os parceiros contam com o apoio um do outro nos momentos de estresse e o quanto cada um se sente valioso para receber cuidados (Cowan & Cowan, 2001), o quanto os parceiros fornecem uma base segura a partir da qual o outro possa se explorar e se desenvolver (Byng-Hall, 1995) e a capacidade de autonomia e confiança (Byng-Hall, 1995; Bowlby, 1969/1997; Grossmann & Grossmann, 1991/2005; Grossmann, et al., 2005; Marris, 1991/2005; Sherry, et al., 2007).

Os casais estudados têm em comum uma vivência que gera uma demanda alta. Isto porque os desafios ao lidar com um indivíduo autista são diários e um dos riscos é que o autismo evoca com muita intensidade as limitações do sujeito (Bosa, 2002). Nesse sentido, percebeu-se que o casal com os menores escores no acesso ao *script* de apego individual e nos indicativos de apego seguro como casal (casal 02), apresentou maiores dificuldades nessa tarefa, tanto em termos de reorganização familiar como em termos de apoio mútuo e reciprocidade, principalmente em relação aos cuidados com o filho. Já como parceiros conjugais, todos os casais manifestaram dificuldades, mesmo que diferenciadas. A relação conjugal tendeu a ser vista por todos os casais como um aspecto que perdeu a prioridade, mas as expectativas de resolução foram menores no casal 02.

A sensação de sobrecarga materna foi um relato frequente em dois casais (C2 e C3). As esposas nesses casais foram as que obtiveram também escores de apego individual menores que no outro casal (C1). Esses relatos de sobrecarga materna têm sido frequentes nos estudos com mães de crianças com autismo (Schmidt, 2004; Fávero, 2005). Ao mesmo tempo tem se indicado que as mães têm dificuldades para aceitar o auxílio dos demais por não confiarem que alguém mais possa ser competente para cuidar de seu filho (Schmidt, 2008). Em estudo de Konstantareas e Homatidis (1989), os principais tipos de suporte dos cônjuges desejados pelas mães foram propiciar maior alívio materno no cuidado com a criança, assumir maior responsabilidade disciplinar com filho e obter ajuda paterna de forma espontânea.

Os casais onde os membros apresentaram os maiores escores quanto ao acesso ao *script* de apego individual (Waters & Rodrigues, 2001) também foram aqueles que relataram mais indicadores de apego seguro como casal (C1 e C3), tais como capacidade de apoio mútuo, reciprocidade, confiança e segurança na relação. Nesses casais, a divisão de tarefas também tendeu a ser sentida como mais justa, com a diferença de que no casal 01 ela foi relatada de forma mais equalitária e mais bem resolvida do que no casal 03, que se percebe tentando resolver essas questões e tem a expectativa de chegar a algo mais tranquilo para eles. De acordo com Mikulincer, Gillath e Shaver (2002), pode se identificar três funções dos parceiros como figuras de apego: precisa ser um alvo para manutenção de proximidade, precisa funcionar como um porto seguro nos momentos de necessidade – fonte de apoio e conforto e precisa funcionar como uma base segura a partir da qual a pessoa possa se engajar em comportamentos que não envolvam apego (ex: comportamentos de exploração) e desenvolver sua personalidade autônoma.

Estudos sobre modelos de apego também têm consistentemente revelado que pessoas com diferentes estilos de modelos de apegos também diferem igualmente em

relação à manutenção de relações conjugais de longo termo e ao grau de vulnerabilidade destas ao rompimento (Kirkpatrick & Davis, 1994). Nesse estudo, esse aspecto não foi parte da análise, tendo em vista que se escolheu uma amostra de casais que permaneciam juntos. No entanto, pôde-se constatar que nos casais que tiveram indicativos de apego seguro na sua relação, os relatos de que vale a pena permanecerem juntos como casal e uma maior expectativa no seu futuro como casal também foram mais presentes (C1 e C3).

Quanto à dúvida, relatada como estressante por todos os casais, sobre o que é da personalidade da criança e o que é manipulação do ambiente, a literatura sugere que realmente os pais tendem a relatar confusão, por não conseguir diferenciar questões comportamentais ligadas ao ambiente, das ligadas às características do autismo ou de efeitos de medicação (Semensato, et al., 2008). Essas dificuldades possivelmente são acentuadas pelas dificuldades dos portadores de autismo de estabelecer uma comunicação e interação mais efetivas (Scheuer, 2002), levando os pais a se sentirem sobrecarregados na tentativa de traduzir essas comunicações. Em um estudo sobre a comunicação dessas crianças, Scheuer (2002) concluiu que os indivíduos com autismo apresentam dificuldades de tornar sua comunicação um instrumento eficiente para comunicar sobre necessidades, desejos e vontades, pelo comprometimento da linguagem verbal e não verbal, sendo de difícil interpretação por parte dos que com ele convivem.

Essas dificuldades trazem a necessidade de explorar diversos recursos individuais, do casal e familiares. A existência de algum tipo de deficiência em um filho, em geral, de acordo com Seligman e Darling (2007) requer um desenvolvimento ainda maior de habilidades parentais do que em outros casais que não vivem nessa situação. Além disso, pode se acrescentar uma necessidade ainda maior do desenvolvimento de habilidades para manter um investimento em sua vida conjugal. Os casais entrevistados e que possuem mais indicativos de apego seguro costumam utilizar mais a rede de apoio profissional, a negociação recíproca e o diálogo do que o casal cujos indicativos apontam para um apego inseguro.

Todos os casais relataram uma rede de apoio familiar escassa. Os principais auxiliares dos três casais são os outros filhos que têm. Esses resultados são coerentes com os relatos parentais em outro estudo com familiares de crianças e adolescentes com autismo (Semensato, et al., 2008). Tanto o casal 01 como o 03 utilizam de forma mais satisfatória a rede de apoio de profissionais. Já o casal 02 apresentou mais dificuldades de acionar essa rede de profissionais. A religião não foi relatada por nenhum dos casais como uma fonte de apoio direta para lidar com o filho. A rede de apoio é considerada um aspecto

importante na vida dessas famílias (Cuxart, 1996; Jones & Passey, 2004), pois constitui um fator protetor frente ao estresse parental (Cuxart, 1996).

Em termos gerais, os resultados indicaram que os dois casais que tiveram membros com escores de acesso ao *script* de base segura maior, tiveram mais indicadores de apego seguro no relacionamento como casal, o que sugere uma relação entre esses dois conceitos. A relação como parceiros parentais foi mais preservada nesses casos (C1 e C3), enquanto que a relação conjugal mostrou-se afetada em todos. Nesse sentido, o que diferenciou o casal 01 e 03 do casal 02 foi a presença de expectativas de resolução. Esses casais também se diferenciaram nos *scripts* de estratégias para resolução de conflitos, pois mostraram usar estratégias mais eficazes e mais coerentes com sua realidade, enquanto no casal 02, a principal resolução apontada mostrava-se incoerente e irrealista de acordo com seus recursos.

Com exceção do casal 02, onde os escores dos parceiros foram idênticos, os maridos tiveram escores mais elevados que as esposas quanto ao acesso ao *script* de base segura, ao passo que nos relatos eles foram descritos pelas esposas como passivos ou acomodados, apesar de bons parceiros. Esta queixa do parceiro, entretanto, não pode ser entendida como um indicativo do *script* de apego dos parceiros, até porque outras influências importantes existem na relação de um casal. Os resultados do casal 03, no entanto, sugerem que a presença de acesso ao *script* de apego seguro de um dos membros do casal pode ser um fator de proteção para o casal e individual.

Tal como esperado, a falta de acesso ao *script* de base segura por parte de ambos foi associada à falta de indicativos de base segura no casal em termos de segurança, confiança, apoio mútuo e reciprocidade. Em todos os casais, com exceção do C3, os aspectos da sexualidade foram mais evitados na entrevista, com respostas extremamente sucintas e que pouco permitiam espaço para continuidade no tópico. No casal 03, que descreveu mais expectativas em relação a retomar a conjugalidade e trouxe mais queixas nesse sentido, o aspecto sexual e de romantismo foi bastante focado. Isso indica que outros aspectos além do apego estão presentes na relação conjugal de um casal. Por outro lado, sugere que a presença de conflitos não é um indicativo tão consistente para o apego do casal, quanto à expectativa e às estratégias para resolução desses conflitos. A presença do conflito, no caso, sugeriu uma importante fonte de saúde do casal, pois trouxe suas expectativas. No casal 01, onde a individualidade foi mais enfocada, as expectativas para um relacionamento romântico não fazem parte do presente. Esses resultados sugerem que mesmo nos casais com indicativos de apego seguro na relação, o equilíbrio entre individualidade e intimidade/proximidade estava afetado. Esse equilíbrio é um importante

aspecto da satisfação conjugal em casais (Bowen, 1991; Kerr & Bowen, 1988). Outros fatores, além dos indicativos de apego individual e de casal podem estar influenciando nisso, tal como ter uma criança com autismo. De fato, o autismo vem sido visto como um potente estressor que afeta as relações conjugais. Além disso, outras questões individuais como o estilo do apego, a personalidade, bem como questões familiares e a rede de apoio podem direta ou indiretamente influenciar na satisfação conjugal (Falcke, et al., 2005; Mikulincer, et al., 2002).

No caso da rede de apoio, todos os casais relataram uma relação distanciada em relação à família extensiva atualmente. Não se sentem apoiados e nem tem apoio instrumental, salvo algumas exceções. Quando os pais se defrontam com o diagnóstico de autismo do filho e começam a planejar o tratamento, eles o fazem no contexto de uma família extensiva que possa prover apoio. O suporte familiar estendido é questão complicada, pois envolve a viabilidade geográfica e a qualidade dos relacionamentos pré-existentes (Siegel, 1996). No caso das famílias entrevistadas, as duas famílias cujo casal tem características de uma base segura, foram exatamente as mesmas que apesar de contar pouco com auxílio familiar, se mobilizaram mais para busca auxílio de profissionais, contando com estes e mobilizando mais seus recursos nessa busca. O apoio dos profissionais foi trazido com muita ênfase por esses dois casais e considerado fundamental.

Em termos gerais, os casais 01 e 03 mostraram uma base segura em sua relação. A diferença maior foi percebida destes em relação ao casal 02, cuja parceria parental e conjugal não apresentava indicativos tanto de apego seguro individual como de casal. Nos casais com um (casal 03) ou ambos (casal 01) membros com apego individual seguro ocorreu um maior número de indicadores de apego compartilhado seguro em sua relação, tais como capacidade de apoio mútuo e reciprocidade e equilíbrio entre individualidade e proximidade, principalmente proximidade familiar. Também apresentaram capacidade de confiança e segurança em sua relação.

Todos os casais descreveram conflitos em suas relações. As diferenças entre os casais com mais ou com menos indicativos de apego individual e compartilhado seguro foi que os primeiros apresentavam estratégias para resolução de problemas e conflitos mais realistas e também mais expectativas em relação à resolução.

4.1 Considerações finais

Parece haver uma relação entre o apego individual e compartilhado no contexto do impacto do autismo nos pais. Essa relação foi melhor identificada no que se refere mais às questões da parentalidade do que da conjugalidade. Esses resultados parecem corroborar a

noção de que o apego compartilhado é mais do que a junção de apegos individualizados, sendo resultado de uma construção do casal, ao longo do convívio.

Embora haja controvérsias sobre a utilidade do construto “apego compartilhado” os resultados desse estudo sugerem que esta parece ser uma área de investigação promissora, independente da terminologia que se use para descrever esses processos. Nesse sentido, esse estudo, de caráter qualitativo, envolvendo apenas três casais, mostrou-se adequado para explorar uma área – a de apego em adultos – que tem poucas décadas de investigação.

Os resultados em geral indicaram presença de um escore maior de apego seguro nos pais do que nas mães. Seria interessante em estudos investigar a dinâmica desses casais quando as esposas apresentam escores maiores de apego seguro do que os maridos, até porque elas são descritas como as principais cuidadoras dessas famílias. O estudo de casais com maiores indicativos maiores de satisfação conjugal poderia contribuir para um melhor entendimento das relações entre o apego e a satisfação conjugal.

Além disso, em futuro estudos sobre o tema, sugere-se o uso de grupo controle, a fim de clarear se o maior investimento como parceiros parentais é uma tendência de casais que vivem sob estresse, como os que têm um filho com autismo, ou se essa é uma tendência dos casais, em geral, quando estes em filhos. Isto porque estudos vêm afirmando que apesar de algumas diferenças, nos casais com filhos com autismo tende a acontecer de forma mais amplificada o que aconteceria com esse casal caso não tivesse um filho com autismo

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2002). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR)*. 4ed. Porto Alegre: Artmed.
- Araujo, C. & Scalon, M. (2005). *Gênero, Família e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Bakermans_Kranenburg, M. J. (2006). Script-like attachment representations: steps towards a secure base for further research. *Attachment & human development*, 8(3), 275-281.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70.
- Barker, G. (2008). *Engaging men and Boys in caregiving: reflexions from research, practice and policy advocacy in Latin America*. Division for the Advancement of Women, Department of Economic and Social Affairs, United Nations, New York. Retrieved in february 20, 2009 from <http://www.un.org/womenwatch/daw/egm/equalsharing/EGM-ESOR-2008-EP1GaryBarker.pdf>.
- Belsky, J., Crnic, K. & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families with toddler boys: spousal differences and daily hassles. *Child Development*, 66, 629-642.
- Belsky, J. (2005). Attachment theory and research in ecological perspective: insights from the Pennsylvania Infant and Family Development project and the NICHD Study of Early Child Care. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & Waters, E. *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp. 71-97). New York/London: The Guilford Press.
- Bettelheim, B. (1967) Bettelheim, B. (1967). *The empty fortress: Infantile autism and the birth of the self*. New York: Free Press.
- Byng-Hall, J. (1985). The family script: a useful bridge between theory and practice. *Journal of Family Therapy*, 7(3), 301-305.
- Byng-Hall, J. (1995). *Rewriting family scripts: improvisation and systems change*. New York/London: The Guilford Press.
- Byng-Hall, J. (2002). Relieving parentified children's burdens in families with insecure attachment patterns. *Family Process*, 41(3), 375-388.ost
- Byng-Hall, J. (2005). The application of attachment theory to understanding and treatment in family therapy. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris. *Attachment Across the Life Cycle* (p.199-215). London: Routledge. (Original work published 1991).

- Bosa, C. (2001). Esclarecendo as terminologias : Transtorno Global/Invasivo do Desenvolvimento, espectro autista, psicose. Apresentado em mesa-redonda – Compreendendo o autismo: diferentes paradigmas. XXXI Reunião da Sociedade Brasileira de Psicologia, RJ.
- Bosa, C. (2002). Autismo: atuais interpretações para antigas observações. Em C. R. Baptista & C. A. Bosa. *Autismo e Educação* (p.21-40). Porto Alegre: Artmed
- Bowlby, J. (1997). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes. (Original work published 1982).
- Bowlby, J. (1997). *Attachment*. London: Pimlico (Original work published 1969).
- Bowlby, J. (1998). *Separation: anger and anxiety*. London: Pimlico. (Original work published 1973).
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo em el sistema familiar*. Buenos Aires: Paidós.
- Bretherton, I. (2005). In pursuit on the internal working model construct and its relevance to attachment relationships. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters. *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp. 13-47). New York/London: The Guilford Press.
- Carneley, K.B., & Janoff-Bulman, R. (1992). Optimism about love relationships: general vs. specific lessons form one's personal experiences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 5-20.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Cassidy, J. (2000). Adult romantic attachments: a developmental perspective on individual differences. *Review of General Psychology*, 4(2), 111-131.
- Cervený, C. M & Berthoud, C. M. E. (2002). *Visitando a família durante o ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cherubini, Z., Bandeira, D. & Bosa, C. A. (*in press*). Estresse e Autoconceito em Pais e Mães de Crianças com Síndrome do X-Frágil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*.
- Coppola, G., Vaughn, B. E., Cassibba, R., & Costantini, A. (2006). The attachment script representation procedure in an Italian sample: Associations with Adult Attachment Interview scales and with maternal sensitivity. *Attachment & Human Development*, 8, 209- 219.
- Cowan, P. & Cowan, C. P. (2001). A couple perspective on the transimition of attachment patterns. In C. Clulow (Ed.). *Adult attachment and couples psychoterapy* (pp. 61-82). London/New York: Routledge.

- Crowell, J. & Treboux, D. (2001). Attachment security in adult partnerships. In C. Clulow (Ed.). *Adult attachment and couple psychotherapy* (pp. 28-42). London/New York: Routledge.
- Cuxart, F. (1996). Los autistas severamente afectados: Problemas conductuales, estres familiar y tratamientos continuados. Apresentado no 5º Congress Autismo-Europe, Barcleona, Espanha.
- Dalbem, J. & Dell'Aglio, D. (2008). Apego em adolescentes institucionalizadas: processos de resiliência na formação de novos vínculos afetivos. *Psico*, 39(1), 33-40.
- Dunn, M. E., Burbine, T., Bowes, C. A. & Tantleff-Dunn, S. (2001). Moderators of stress in parents of children with autism. *Community Mental Health Journal*, 37, 39-52.
- Eisenberg, L. (1956). The autistic child in adolescence. *American Journal of Psychiatry*, 112, 607-612.
- Falcke, D., Wagner, A. & Mosmann, C. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In: A. Wagner. (Ed.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (p.67-79). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Fávero, M. A. (2005). *Trajetória e sobrecarga emocional da família de crianças autistas: relatos maternos*. Dissertação de mestrado. Curso de Pós-graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Feeney J. A., & Noller, P. (1992). Attachment style and romantic love: relationship dissolution. *Australian Journal of Psychology*, 44, 69-74.
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical Child & Family Psychology Review*, 5(3), 173-195.
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: a framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3, 95-132.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo – o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T. & Diniz Neto, O. (2008). Psicoterapia de casal: modelos e perspectivas. *Aletheia*, 27, 173-187
- Fisher, J. & Crandell, L. (2001). Patterns of relating in the couple. In C. Clulow (Ed.), *Adult attachment and couple psychotherapy: the secure base in practice and research* (p.15-27). New York/London: Routledge.
- Florsheim, P., Sumida, E., McCann, C., Winstanley, M., Fukui, R., Seefeldt, T., et al., (2003). The transition to parenthood among young african american and latino

- couples: relational predictors of risk for parental dysfunction. *Journal of Family Psychology*, 17(1), 65-79.
- Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A. & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 84-94.
- Gadia, C. A., Tuchman, R. & Rotta, N. T. (2004). Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*, 80(2), 83-94.
- Goldenberg, M. (1991). *Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan.
- Gomes, V., Bosa, C & Zanchettin, J. (2004). Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com Transtornos Globais do Desenvolvimento. *Estudos de Psicologia* (Natal). 9, 553-561.
- Gomes, V. (2007). *Fatores que compõe as futuras práticas parentais: um diálogo entre apego e sociocognição*. Tese de Doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Grossmann, K. E. & Grossmann, K. (2005). Attachment quality as an organizer of emotional and behavioral responses in a longitudinal perspective. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris. *Attachment across the life cycle* (p. 93-114). London: Routledge. (Original work published 1991).
- Grossmann, K., Grossmann, K. E. & Kindler, H. (2005). Early care and roots of attachment and partnership representations: the Bielefeld and Regensburg Longitudinal Studies. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters. *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp. 71-97). New York/London: The Guilford Press.
- Guttman, P. T. (2002). The epigenesis of the family system as a context for individual development. *Family process*, 41(3), 533-545.
- Hansen, L. B. & Jacob, E. (1992). Intergenerational support during transition to parenthood: issues for new parents and grandparents. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 73(8), 471-479.
- Hastings, R. P. (2002). Parental stress and behavior problems of children with developmental disability. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*. 27, 149-160.
- Hazan, C., & Shaver, P.R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.

- Hochschild, A. R. & Machung, A. (1989). *The Second Shift: Working Families and The Revolution At Home*. Nova York: Viking-Penguim.
- Holmes, J. (2007). Sex, couples, and attachment: the role of hedonic intersubjectivity. *Attachment 1*(1), 18-29.
- Howe, D. (1996). Attachment theory for social work practice. Nova York: Palgrave
- Howlin, P. (1998). *Children with Autism and Asperger Syndrome: a guide for practitioners and carers*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. Em T. Feres-Carneiro, *Família e Casal: Saúde, Trabalho e Modos de Vinculação*, pp203-228.
- Jones, J. & Passey, J. (2004) Family adaptation, coping and resources: Parents of children with developmental disabilities and behavior problem. *Journal of Developmental Disabilities*, 11, 31-46.
- Kim, H.W, Greenberg, J. S., Seltzer, M.M. & Krauss, M.W.(2003). The role of coping in mantaining the psychological well-being of mothers of adults with intellectual disability and mental illness. *Journal of Intellectual Disability Research*, 47, 313-327.
- Klin, A. (2006). Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(1), 3-11.
- Kerr, M. E. & Bowen, M. (1988). *Family evaluation: an approach based on Bowen's theory*. New York: Norton.
- Kirkpatrick, L. A., & Davis, K. E. (1994). Attachment style, gender, and relationship stability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 502-512.
- Konstantareas, M. & Homatidis, S. (1989). Assessing child symptom severity and stress in parents of autistic children. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 30, 459-470.
- Koslowska, K. & Hanney, L. (2002). The network perspective: an integration of attachment and family systems theories. *Family Process*, 41(3), 285-312.
- Laville, C. & Dione, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Liddle, H. A. & Schwartz, S. J. (2002). Attachment and family therapy: the clinical utility of adolescent-family attachment research. *Family Process*, 41(3), 455-476.
- Main, M. (2005). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) models of attachment: findings and directions for future research. C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris. *Attachment across the life cycle* (p. 127-159). London: Routledge. (Original work published 1991).

- Margolin, G.; Godis, E. B. & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology, 15*(1), 3-21
- Marris P. (2005). The social constructions of uncertainty. In C. M. Parkes, J. Stenveson-Hinde & P. Marris. *Attachment across the life cycle* (p. 77-92). London: Routledge. (Original work published 1991).
- McHale, J. P. (1995). Coparenting and triadic interactions during infancy: the roles of marital distress and child gender. *Developmental Psychology, 31*(6), p.985-996.
- McHale, J. P. (1997). Overt and covert coparenting processes in the family. *Family Process, 36*, 183-270.
- McHale, S., Simeonsson, R., & Sloan, J. (1984). Children with handicapped brothers and sisters. In E. Schopler & G. Mesibov (Eds.), *The effects of autism on the family* (pp. 327-342). Nova York: Plenum.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couples relationships: a systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process, 41*(3), 405-434.
- Mikulincer, M.; Gillath, O & Shaver, P.(2002). Activation of the attachment system in adulthood: threat-related primes increase the accessibility of mental representations of attachment figures. *Journal of Personality and Social Psychology, 83*(4), 881-895.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: provocations from the field of family therapy. *Child Development, 56*, 289-302.
- Minuchin, P. (2002). Cross-cultural perspectives: implications for attachment theory and family therapy. *Family Process, 41*(3), 546-550.
- Minuchin, S. (1974). *Families & family therapy*. Cambridge: Harvard University Press.
- Monteiro, L. M. (2007). Análise do fenômeno de base segura em contexto familiar: a especificidade das relações criança/mãe e criança/pai. Tese de doutorado, Universidade de Nova Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Monteiro, L. M., Verissimo, M., Castro, R. & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental: realidade ou expectativa? *Psychologica, 42*, 213-229.
- Morgan H. J. & Shaver, P. R. (1999). Attachment process and commitments to romantic relationships. In J. M. Adams & W. H. Jones (Eds.). *Handbook of interpersonal Commitment and Relationship Stability*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Mosman, C. Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia, 16*(35), 315-325.

- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos* (7 ed). Porto Alegre: Artmed.
- Oppenheim, D., Dolev S., Koren-Karie, N., Sher-Censor, E. & Salomon, S. (2007). Parental resolution of the child's diagnosis and the parent-child relationship. In D. Oppenheim & D. Goldsmith (Eds.). *Attachment Theory in Clinical Work with Children: Bridging the Gap between Research and Practice* (pp. 109-136). New York/London: The Guilford Press.
- Orbach, S. (2007). Separated attachments and sexual aliveness: how changing attachment patterns can enhance intimacy. *Attachment, 1*(1), 8-17.
- Pietromonaco, P. R. & Barret, L. F. (in press). What can you do for me?: attachment style and motives underlying esteem for partners. *Journal of Research in Personality*.
- Pietromonaco, P. R. & Barret, L. F. Powes, S. (2006). Adult attachment theory and affective reactivity and regulation. In D. K. Snyder, J. A. Simpson, & J. N. Hughes (Eds.), *Emotion regulation in couples and families: pathways to dysfunction and health* (p. 57-74). Washington, D.C.: American Psychological Association.
- Rank, B. (1949). Adaptation of the psychoanalytic techniques for the treatment of young children and atypical development. *American Journal of Orthopsychiatry*, 19, 130-139.
- Roisman, G. I., Holland, A., Fortuna, K., Fraley, C., Clausell, E. & Clarke, A. (2007). The adult attachment interview and self-reports of attachment style: an empirical rapprochement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(4), 678-697.
- Rothbaum, F. Rosen, K., Ujii, T. & Ushida, N. (2002). Family systems theory, attachment theory, and culture. *Family Process*, 41(3), 328-350.
- Scheuer, C. (2002). Distúrbios da linguagem nos transtornos invasivos do comportamento. Em C. R. Baptista & C. Bosa (Orgs.), *Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção* (pp. 51-62). Porto Alegre: Artmed.
- Schmidt, C. (2004). *Estresse, auto-eficácia e o contexto de adaptação familiar de mães de portadores de Transtorno Global do Desenvolvimento*. Dissertação de mestrado não publicada. Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Schmidt, C. (2008). Coparentalidade em famílias de adolescentes com autismo e comportamento agressivo. Tese de Doutorado não publicada. Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Schmidt, C. & Bosa, C. (2007). Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(2), 179-191.

- Schmidt, C., Dell’Aglío, D. & Bosa C. (2007) . Estratégias de coping de mães de portadores de autismo: lidando com as dificuldades e com a emoção. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20(1), 127-134.
- Seligman M. & Darling, R. B. (2007). *Ordinary families, special children: a systems approach to childhood disability*. New York/London: The Guilford Press.
- Semensato, M., Schmidt, C. & Bosa, C. (2008). *Grupo de Familiares de Pessoas com Autismo: Relatos de Experiências Parentais*. Manuscript submitted for publication.
- Siegel, B (1996). *The world of autistic child: understanding and treating autistic spectrum disorders*. New York/Oxford: Oxford University Press
- Sifuentes, M. (2007). *As características da coparentalidade em pais de crianças com autismo em idade pré-escolar*. Dissertação de mestrado não publicada. Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Sherry, A., Lydon, W. J. & Henson, R. K. (2007). Adult attachment and development personality styles: an empirical study. *Journal of Counseling and Development*, 85(3), 337:348.
- Sloman, L., Atkinson, L., Milligan, K & Liotti, G. (2002). Attachment, social rank, and affect regulation: speculations on the ethological approach to family interaction. *Family Process*, 41(3), 313-327.
- Sprovieri, M. H. S. & Assumpção Jr., F. B. (2001). Dinâmica familiar de crianças autistas. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 59(2), 230-237.
- Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E. & Collins W. A. (2005). Placing early attachment experiences in development context: the Minnesota Longitudinal Study. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters. *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (pp.48-70). New York/London: The Guilford Press.
- Stake, R. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Steele, H. & Steele, M. (2005). Understanding and resolving emotional conflict: The London Parent-Child Project. Em K. Grossman, K. Grossman & E. Waters, *Attachment from infancy to adulthood: the major longitudinal studies* (p 137-164). New York/London: The Guilford Press.
- Story, L. B., Karney, B. R., Lawrence, E. & Bradbury, T. N. (2004). Interpersonal mediators in the intergenerational transmission of marital dysfunction. *Journal of Family Psychology*, 18(3), 519-529.

- Vaughn B., Waters, H., Copolla, G, Cassidy, J., Bost, K. & Verissimo, M. (2006). Script-like attachment representations and behavior in families and across cultures: studies of parental secure base narratives. *Attachment and Human development*, 8(3), 179-184.
- Van Egeren, L. A. & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with coparenting: implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development*, 11(3), 165-178.
- Verissimo, M. & Salvaterra, F. (2006) Maternal secure-base scripts and children's attachment security in an adopted sample. *Attachment and Human Development*, 8(3), 261-274.
- Vincent, C. (2001). Clinical reflections on unresolved and unclassifiable states of mind. In C. Clulow (Ed.). *Adult attachment and couple psychotherapy* (pp. 119-132). London/New York: Routledge.
- Walker, K. L. & Dickson, F. C. (2004). An exploration of illness-related narratives in marriage: the identification of illness-identity scripts. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(4), 527-544.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Cruz, R. M., Fagianni, R. B. & Natividade, J. C. (2004). Medida de satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9(1), 11-18.
- Waters, H. S. & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8(3), 185-197.
- Waters, H. S. & Rodrigues, L. M. (2001). Are attachment scripts the building blocks of attachment representations?: narrative assessments of representations and the AAI. Poster presented at a Poster Symposium *What does the Adult Attachment Interview measure and when does it matter? Longitudinal studies of attachment representations*, at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development. Minneapolis, Minnesota, Retrieved from <http://psychology.sunysn.edu/attachment/srcd2001/HSWScripts/Index.htm> in 03/10/2007 .
- Waters, E., Weinfeld, N. S. & Hamilton, C. E. (2000a). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: general discussion. *Child Development*, 71(3), 703-706.
- Waters, E., Hamilton, C. E. & Weinfeld N. S. (2000b). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: general introduction, *Child Development*, 71(3), 678-683.

- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowel J. & Albersheim, L. (2000). Attachment security in infancy and early adulthood: a twenty-year longitudinal study. *Child Development, 71*(3), 684-689.
- Weber, L. N., Selig, G. A. Bernardi, M. G. & Salvador, A. P. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações – transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia, 16*(35), 407-414.
- Weinfeld, N. S., Sroufe, A. & Egeland, B. (2000). Attachment from infancy to early adulthood in a high-risk sample: continuity, discontinuity and their correlates. *Child Development, 71* (3) 695-702.
- Weiss, R. S. (2005). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stenvenson-Hinde & P. Marris. *Attachment across the life cycle* (p.66-76). London: Routledge. (Original work published 1991).
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In Tavares, J.(Ed.), *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez.
- Zordan, E. P.; Falcke, D.; Wagner, A. (2005). Copiar ou (Re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In: A. Wagner. (Ed.). *Como se perpetua a família? a transmissão dos modelos familiares* (p. 47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente projeto trata da investigação dos processos conjugais em pais de crianças com autismo. Para tanto, será realizada uma entrevista com o casal a fim de obter dados sócio-demográficos, tais como idade, estado civil, profissão e escolaridade, bem como informações referentes ao diagnóstico do filho e ao desenvolvimento. A entrevista constará de tópicos sobre a família, como rotina, interesses, práticas educativas e relacionamento familiar. A entrevista será gravada, sendo que toda e quaisquer informações sobre a criança e seus familiares serão confidenciais e compartilhadas somente com os profissionais envolvidos no projeto. Também será utilizado um instrumento com base em pequenas histórias que tratam de relacionamentos entre pais e filhos. Os dados referentes à entrevista e ao instrumento aplicado serão armazenados por um período de 5 anos, sob responsabilidade do Instituto de Psicologia. O encontro terá uma duração de aproximadamente 2 horas.

A coordenadora do projeto é a Prof^ª. Dra. Cleonice Bosa, juntamente com a psicóloga Márcia Rejane Semensato que poderá ser contatada(o) pelo telefone _____ para maiores informações.

Atenciosamente

Cleonice Bosa

Instituto de Psicologia – UFRGS
Ramiro Barcelos, 2600.

Concordo em participar deste projeto e informo que estou ciente dos objetivos deste estudo, assim como da confidencialidade acerca das informações obtidas a respeito de minha família. Estou ciente de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Entendo, também, que serei livre para retirar-me do projeto a qualquer momento sem que isso acarrete em prejuízo de qualquer ordem. Em caso de eventuais desconfortos trazidos pela participação nesta pesquisa, quando caracterizada a necessidade de atendimento psicológico, tenho clareza de que o pesquisador responsabilizar-se-á por meu encaminhamento para um serviço de atendimento psicológico gratuito. Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica, a utilização de anotações e gravações realizadas comigo.

Assinatura do pai: _____

Assinatura da mãe: _____

ANEXO B

Ficha sobre Dados Demográficos e História Familiar

1. Dados sociodemográficos

Nome: _____ Parentesco: _____

Idade: _____

Endereço: _____

Profissão: _____ Exerce? () sim () não Jornada de

trabalho: _____ horas Religião: _____

Situação conjugal:

Escolaridade:

() 1^a a 4^a série () completo () incompleto

() 5^a a 8^a série

() 1^a a 3^a ano do Segundo Grau

() universitário

2. História familiar

Como o casal se conheceu?

Como foi o período da gravidez, parto e nascimento dos filhos?

E o diagnóstico de autismo, como foi feito e qual a reação da família?

Como você percebe sua família hoje?

Que expectativas você tem para o futuro de sua família?

ANEXO C

Attachment Script Assessment (Waters & Rodrigues, 2001) *

A Manhã do Bebê

Mãe/Pai	Abraço	Urso de Pelúcia
Bêbê	Sorriso	Perda
Brincadeira	História	Encontro
Cobertor	Fingir	Cochilo

No Consultório do Médico

Antônio	Pressa	Mãe/Pai
Bicicleta	Médico	Brinquedo
Ferida	Choro	Parar
Mãe	Injeção	Segurar

O Acampamento da Joana e do Pedro

Joana	Tenda	Fogueira
Pedro	Vento	Sombra
Bagagem	Queda	Barulho
Pressa	Preocupação	Abraço

* Tradução provisória do instrumento

ANEXO C

O Acidente da Susana

Susana	Espera	Casa
Estrada	Miguel	Jantar
Acidente	Lágrimas	Cama
Hospital	Médico	Abraço

Uma Tarde nas Compras

Ana	Passear	Fome
Carro	Comprar	Comida
Centro Comercial	Dinheiro	Conversa
Amigo(a)	Presente	Casa

ANEXO D

Exemplo de Narrativas produzida no *Attachment Script Assessment* (Waters & Rodrigues, 2001)

1. O Acampamento de Joana e do Pedro

Joana e Pedro eram um casal que resolveu acampar. Eles prepararam a bagagem e eles tinham um pouco de pressa pra não perder a claridade do dia. Eles arrumaram a tenda e fixaram ela bem forte porque era um dia de vento e isso aí podia ocasionar a queda da tenda e preocupação é que se tu não consegue firmar bem ela, aí tu vai ficar desabrigado e também precisava antes de escurecer acender uma fogueira porque esse acampamento foi montado à sombra de uma grande figueira. Só que quando escureceu se escutavam muitos barulhos e os barulhos que se escutava nada mais era do que o vento, que assustava inclusive, era o vento chacoalhando os galhos das arvores que eram próximas e aí quando se percebeu que esse barulho nada mais era do que apenas o vento soprando nas árvores se teve uma sensação de alívio e aí deram um abraço como uma forma de conforto para que o casal se tranquilizasse.

ANEXO E

Roteiro para Entrevista sobre Indicativos de *Script* de Apego Compartilhado

Perguntas introdutórias

Como é a rotina da família (horários de refeições, banho, cama, etc.)?

Circunstâncias do Diagnóstico:

Como vocês ficaram sabendo que _____ apresentava diagnóstico de autismo? Como foi pra vocês?

Para vocês o que é o autismo?

Como vocês dois reagiram ao diagnóstico?

Como se sentiram?

Vocês costumavam conversar sobre isto? Que tipo de assunto era o mais comum entre vocês? E atualmente?

Relacionamento com o filho

Como é o relacionamento com o _____?

Quais as maiores dificuldades para lidar com ele no dia-a-dia?

Vocês percebem diferenças entre vocês na forma de criar _____?

Como vocês lidam com estas diferenças?

Compartilhamento de cuidados

Vocês dividem as tarefas/responsabilidades relacionadas ao filho? Especifique algumas tarefas que são da responsabilidade de cada um.

Como chegaram nessa divisão? (se for o caso)

Como você se sente delegando estas tarefas para o parceiro?

Vocês estão satisfeitos com esta forma de divisão? Se não, o que mudariam?

Percepção do convívio c/ família

Qual a lembrança mais agradável que vocês têm como uma família?

Como cada um de vocês imagina a vida ideal de uma família?

O que vocês acham que poderia ser diferente?

Vocês percebem mudanças no estilo de vida da família após o diagnóstico de seu filho (a)?

Em que aspectos?

Relacionamento do casal

Como vocês descreveriam o relacionamento de vocês como casal? (satisfação)

Apoio Mútuo

Quais foram as situações mais difíceis que vocês enfrentam desde o nascimento do filho?

Como vocês dois têm agido diante dessas dificuldades?

Em que situações cada um se sente mais próximo do outro? E mais distante?

Tempo disponível para o casal

Vocês têm um tempo exclusivo para o casal? O que costumam fazer? O que gostariam de fazer?

Mudanças na Rotina do Casal em função do Filho

Vocês acham que houve alguma mudança na rotina diária de vocês como casal depois do nascimento de _____? Se sim como era antes?

Como você se sente em relação a vida íntima de vocês?

Conflitos

O que em geral causa mais conflito entre vocês?

Como vocês costumam resolver os conflitos entre vocês?

Percepção do parceiro

Como cada um descreve o parceiro?

Quais as características que mais admira?

Quais as características que são mais difíceis de lidar?

Como descreve seu parceiro como pai/mãe?

Individualidade

Tem tempo livre para si?

O que você costuma fazer nesses momentos?

Como seu parceiro encara/reage a esses momentos?

(ou)

O que você gostaria de fazer caso tivesse tempo livre?

Casal e família extensiva

Como é a relação de vocês com a família de cada um?

Como era a relação antes do casamento de vocês?